

## JORGE PEREIRA

do G. D. «ILUMINANTE»  
cujas últimas exhibições, nos  
circuitos de Espinho e da  
Bairrada, o trouxeram ao  
plano dos "ases" do ciclismo

(Foto Nunes de Almeida)



# Stadium

N.º 93 ★ 13 DE SETEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

# AINDA OS CAMPEONATOS NACIONAIS

## NOTAS E COMENTÁRIOS

por MÁRIO DE OLIVEIRA

Os campeonatos nacionais deste ano não são de análise fácil, observados um pouco superficialmente: parece que não correram com entusiasmo e não forneceram nenhuma indicação de progresso. Mas não foi bem assim. E' melhor o lote das figuras de primeiro plano e há uma nova geração em preparação. Estamos, dissemo-lo já mais de uma vez, numa fase de transição, que resulta em grande parte de circunstâncias estranhas à boa vontade dos clubes. Nada-se mais — e melhor. Falha, porém, o número, de momento mais do que nunca, ou nos últimos tempos.

Pela forma especial como tem caminhado este ano a época de natações, os campeonatos nacionais vieram cedo de mais. Houve, por um lado, muita sobreposição de provas. Não houve, por outro, qualquer pausa entre os regionais e os nacionais, a deixar preparar o balanço dos nadadores para as provas portuguesas de maior projecção. De tal facto resultou que uma clubes — o Pedrouços e o Nacional, com festas do aniversário em curso — não apareceram, e que outros não tiveram tempo de aproveitar as indicações dos campeonatos regionais para treinar especialmente as suas equipas. Nestes termos, uma das impressões do conjunto que os nacionais deste ano forneceram, em primeiro lugar, é a de não terem correspondido à expectativa — em entusiasmo, de clubes, público e nadadores.

Vem a propósito afirmar que esperavamos realmente mais luta, mais emoção e maior equilíbrio de valores entre as duas grandes equipas da capital — Estoril e Algés. Há meses, estávamos convencidos de que a realização dos campeonatos em Lisboa viria a movimentar o meio, permitindo um belo êxito de organização, após vários anos de propagação pela província. Os campeonatos regionais trouxeram o Estoril a um plano de supremacia que pode ter desorientado o público. De um domingo para outro, não era fácil ao Algés melhorar as suas possibilidades de representação. Havia apenas uma prova em que podia tentar a vitória — os 4x200 metros livres. E não há dúvida de que houve para esse campeonato uma preparação mais cuidada. Foi o único em que a luta correspondeu à expectativa. O Estoril teve de se empregar a fundo, para não perder um título a que aspirava.

Os campeonatos nacionais de qualquer desporto são provas a que nem todos os atletas sobem. Para despertar o interesse da representação em maior número, criam-se estímulos acessórios. Noutros desportos, há por vezes classificação geral por adição de pontos, com prémios especiais. Os candidatos a campeão, e os titulares, servem para a luta pelo melhor resultado técnico e pelos «records»; os outros atletas contribuem para animar as provas nos lugares mais modestos. Em natações, os estímulos têm sido as facilidades de representação para as equipas da província — e a concessão de medalhas ao melhor nadador da província.

Falhou este ano a representação de vários núcleos regionais. Mas essa falta, se contribuiu para a desagradável impressão do desinteresse ou dificuldades em centros de actividade que apareciam habitualmente, como Aveiro e Porto, não afastou dos campeonatos nadadores que pudessem dar-lhe mais brilho ou animação, certo como é que o segundo lugar pertence há anos a Coimbra. Mas até mesmo Coimbra apareceu desta vez em menor número.

ANO XII — Lisboa, 13 de Setembro de 1944 — 11 SÉRIE - N.º 93

### STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, L.D.A

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º

Telefone 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LTD. — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Mandou, porém, um nadador que foi talvez a única revelação, Luiz Franco, terceiro nos 200 metros de bruços, com um «tempo» melhor que o do terceiro classificado na mesma prova em 1943.

A penúria da representação feminina não surpreendeu ninguém, embora se trate de um desporto especialmente indicado para senhoras e meninas. Tem sido um pouco assim, em todos anos. Mas foi pior desta vez. Coimbra evidenciou-se nesta prova, conquistando todos os títulos, mas com a nota particular de todas as provas de estilo livre serem ganhas por Ilda Raposo, a nadar de bruços. Ilda Raposo, nadando melhor nos campeonatos de 1943, em Espinho, perdeu a prova dos 200 metros.

Teve a compensação este ano... Maria de Jesus Costa fez-se notar novamente pela correcção do estilo. Não teve, porém, quem a animasse para fazer melhor resultado.

\*

Façamos de novo referência à maneira como ficaram distribuídos os títulos nacionais na presente época:

#### SENHORAS

Ilda Raposo (União, Coimbra) — 100, 200 e 400 metros livres e 200 metros de bruços — mas só com esta última prova homologada.

Maria Isabel Costa (Sport Conimbricense) — 100 metros de costas.

#### HOMENS

Mário Simas (Estoril) — 100 e 200 metros livres e 100 metros de costas.

Joaquim Batista Pereira (Alhandra) — 400 e 1500 metros livres.

João da Silva Marques (Cuf) — 200 metros, bruços.

Dr. Manuel Martins (S. A. D.) — Saltos.

Estoril Praia — 4x200 metros livres, por estofeta.

Temos, assim, que o maior número de triunfos pessoais coube a Ilda Raposo — 4. Segue-se

#### BIBLIOGRAFIA

### MANUAL DE AVIOMINIATURA

de RICARDO DE SOUSA LIMA

**D**EDICADO à «Mocidade Portuguesa» e a quantos se interessam pelo estudo da Aviominiatura, acaba de sair do prelo um curioso «Manual», de que é autor Ricardo de Sousa Lima, conhecido propagandista, que ha perto de oito anos, por intermédio da Imprensa ou servindo-se do rádio, tem dado o melhor do seu esforço em prol do desenvolvimento da Aviominiatura no nosso país.

Sabendo-se que ele é, além de científico passatempo, o principal factor para o desenvolvimento do espirito aeronáutico, fácil se torna reconhecer o valor da obra, visto que de antemão se pode contar com os conhecimentos profundos do seu autor.

O «Manual de Aviominiatura de M. P.» contém 170 páginas, nas quais Ricardo de Sousa Lima desenvolve a parte teórica e prática da modalidade quanto à construção, afinação e concepção dos pequeninos modelos de aviões.

Pretende o autor contribuir para o desenvolvimento do sentido do ar, que todos os portugueses devem possuir, para que — segundo nos afirma em nota preambular — Portugal seja nos céus do Império o que foi outrora nos oceanos.

O curioso livro, repleto de gravuras elucidativas, é um bom auxiliar dos aviominiaturistas e em especial daqueles que queiram dedicar-se à Aviominiatura e não possuam os devidos conhecimentos.

No «Manual» de Ricardo de Sousa Lima ha matéria completa, que merece ser estudada com cuidado; é um livro para consultar com frequência — e não para ser lido como simples devaneio.

Agradecendo os exemplares enviados desejamos ao autor o êxito que a sua obra bem merece.

### AOS NOSSOS LEITORES

TEMOS FEITO REPETIDAS VEZES A PREVENÇÃO, AOS NOSSOS AGENTES E AOS LEITORES QUE NOS ENVIAM IMPORTANCIAS PARA A COMPRA DE EXEMPLARES ATRASADOS, DE QUE SÓ PODEREMOS EFECTUAR AS RESPECTIVAS REMESSAS DEPOIS DE PROCEDERMOS À REIMPRESSÃO DAS TRICROMIAS, VISTO HAVER-SE ESGOTADO COMPLETAMENTE A GRANDE MAIORIA DOS NÚMEROS DA STADIUM EM QUE FORAM INTERCALADAS.

PEDIMOS ESPECIALMENTE AOS LEITORES QUE SE NOS DIRIGEM, IMPACIENTES PELAS REMESSAS SOLICITADAS, QUE TENHAM EM ATENÇÃO AQUELA CIRCUNSTANCIA, TOMANDO NOTA QUE SÓ DEPOIS DA REIMPRESSÃO DAS TRICROMIAS REFERENTES AOS NÚMEROS ESGOTADOS PODEREMOS COMO É ÓBVIO, E COMO TEMOS DITO SEMPRE, ATENDER AS ENCOMENDAS EM NOSSO PODER.

Mário Simas, com três, Ilda Raposo ganhou alguns títulos que estão ainda em litígio, com o fundamento de ter disputado as três provas de estilo livre em bruços. Em número de vitórias, o comportamento de Ilda Raposo faz lembrar a proeza realizada por Maria de Lourdes Besoune Beato, no ano passado, em Espinho, também com quatro campeonatos. Mas Maria de Lourdes ganhou quasi todas as provas com «marcas» de relêvo. E Ilda Raposo disputou as três corridas de estilo livre para beneficiar da falta de outras inscrições, contribuindo deste modo para que a respectiva lista não ficasse em branco... Ilda Raposo nada apenas de bruços, em campeonatos. E é sómente nessa especialidade que se tem afirmado como uma das melhores nadadoras portuguesas. Ainda no domingo passado bateu, em Coimbra, o seu «record» nacional nos 100 metros de bruços.

Mário Simas repetiu a proeza de João Mira Gomes, nos campeonatos de Espinho — mas com a diferença de ser o titular de facto e de direito. — Mário Simas andou ausente dos campeonatos de 1943, por se ter deslocado a Alemanha. Voltou este ano ao lugar próprio — como nadador de recursos extraordinários em qualquer das provas ganhas. Comparando os «tempos» de agora com os resultados do ano passado, poderíamos, no entanto, chegar a conclusão contrária, nos 100 e 200 metros livres. Mas a diferença encontrada só prova que Mário Simas, com a preocupação de uma corrida para outra, se poupou o mais possível, vencendo pela tangente.

\*

Sómente em duas provas se fez este ano melhor resultado — 100 metros costas e 4x200 metros livres. A diferença entre os dois «tempos» da primeira corrida corresponde especialmente ao desnível de valores entre Mário Simas e Mira Gomes, visto que o novo campeão e antigo «recordman» se limitou a uma prova em «scupless», sem «puxar». A estafeta de 4x200 foi a melhor corrida — em luta e emoção. Podemos até afirmar que foi a prova para que se prepararam e poupavam os dois mais fortes rivais do momento — Estoril e Algés. O Algés tentou a «révanche» da derrota sofrida no campeonato regional. Perdeu novamente. A turma adversária teve no entanto de se empregar a fundo, depois de esperar a corrida com certa cautela.

A luta travada na sucessão dos percursos da estafeta empolgou todo o público. Batelhou-se quasi palmo a palmo, de principio a fim. E a vitória dependeu essencialmente do magnifico esforço de Mário Simas, bem auxiliado por João Mira Gomes. A equipa do Algés distinguiu-se pelo equilíbrio entre os diversos nadadores. Foram mais iguais entre si. O Estoril teve dois grandes nadadores, em pleno rendimento das suas faculdades.

Nesta prova, coube o terceiro lugar à equipa de juniores do Estoril, com 11 m. 52 s. 9/10, batendo o «record» nacional de estafeta, que estava em 11 m. 53 s. 8/10. Datava de 3/9/1939 e pertencia ao Algés. A equipa vencedora compunha-se de Fernando Chaves, Mario Santana Alves, Francisco Salgado e Belmiro Silva. O melhor «tempo» foi o de Belmiro — 2 m. 51 s. Apenas este fez melhor «tempo» que os seniores.

A Federação Portuguesa de Atletismo, patrocinada pela Direcção Geral de Desportos, de acordo com o plano elaborado pelo Conselho Técnico Desportivo da mesma Direcção, tomou a iniciativa de organizar, após a conclusão da temporada oficial, dois festivais, um em cada cidade praticante (Coimbra fôra excluída por agora, visto ser esta a época do ano menos propícia), os quais serviriam para a propagação da modalidade e fêcho da época.

O festival de Lisboa foi em má hora confluído à Associação de Lisboa — e dizemos assim, não porque tal entidade não seja susceptível de arcar com o encargo, mas porque continuam a manifestar-se, entre os seus dirigentes e alguns dos filiados, sintomas de mal estar, que conduzem a infelizes atitudes, em que a disciplina hierárquica não é considerada com o respeito devido. Culpa de baixo, mas também culpas de cima!

A organização portuense encontrou na A. P. A. decidido apoio e decorreu no domingo passado com evidente benefício, animação e entusiasmo.

Apesar de algumas dificuldades surgidas em Lisboa com a constituição da caravana atlética e do tempo chuvoso que afastou muitos espectadores — o festival teve brilhantismo. De resto, basta a proeza de Sampaio Peixoto, batendo o «record» de Bastos nos 400 metros, para que fique na história.

Alguns dos atletas escolhidos não puderam deslocar-se e fizeram falta, principalmente Matos Fernandes, que não conseguiu licença na casa onde trabalha; Eleutério, que se encontra fora da cidade, em férias; e Nuncio, que não pôde vir por ter já fixado data próxima para uma operação no nariz.

A ausência dos dois corredores de velocidade foi suprida, no interesse do público, pela participação do idolo Sampaio Peixoto nos 100 metros, que aliás ganhou, e a réplica valorosa de João Jacinto obrigou o campeão nacional a empregar-se

## ATLETISMO

# NO PORTO OS MELHORES SÃO ... ... OS PORTUENSES!

Comentários ao festival de propaganda no Estádio do Lima

pelo dr. SALAZAR CARREIRA

até ao fim, pois o corredor sportinguista galopou com energia e autoridade na recta final, terminando a quatro metros do vencedor, no seu melhor tempo, que me parece «mal calculado» pelo cronometrista.

Sampaio Peixoto baixou de um décimo o mínimo português, «étape» provisória para novos empurrões na temporada próxima; partiu rapidíssimo, com menos de 23 aos duzentos metros, e sustentou corajosamente o esforço até à meta, estimulado nessa fase crítica pelo ataque de João Jacinto, que foi o melhor nos 100 metros finais.

O atleta portuense ganhou pouco antes os 100 metros, em 11,2 s., mercê da sua arrancada nos últimos cinquenta metros e da evidente descida de forma dos adversários, que ficaram muito abaixo do seu melhor tempo da época. A distância é curta para Peixoto, a quem serão vantajosos estes galopes curtos sem outras pretensões além de êxitos ocasionais ou da proveitosa preparação para as suas verdadeiras provas. Dos 200 aos 500 metros é já o melhor português da actualidade e tem o «record» nacional dos 300 metros ao seu alcance imediato.

Nas corridas destinadas aos juniores, os jovens campeões nacionais que se deslocaram ao Lima foram todos batidos pelos rivais portuenses. O facto não deve espantar, porque é naturalíssimo, dado que Machado, Silveira e Colaço abandonaram por completo o treino desde os Nacionais da categoria, ao passo que Povoas e Romero, que transitaram de categoria, prosseguiram a competição nos

tornelos de seniores e mantiveram ou melhoraram a sua forma. O mesmo sucedeu com Artur Dias, que foi o melhor dos lisboetas e se classificou, com os seus 37,1 s., no quinto lugar da escala dos melhores portugueses em 300 metros.

Francisco Povoas, novo detentor do «record» do Norte, com 36,8 s., fica em 3.º lugar na tabela.

Um seu companheiro de clube Romero Antelo, ganhou os 80 metros em tempo modesto, mas foi creditado nos 150 metros dos fatídicos 17 s., que são a marca mais concorrida das tabelas portuguesas.

A corrida de barreiras, incluída no programa para oferecer a Fernando Ferreira mais uma oportunidade de tentar o tempo mínimo, que já por três vezes aproximou a um décimo, foi completamente falseada pela qualidade das barreiras — do velho modelo — empregadas na prova.

Habitados a derrubar impunemente as tais barreiras pseudo-legais que a Associação de Lisboa mandou construir e nunca se deu ao trabalho de verificar, apesar das nossas insistentes reclamações, que já foram até directamente apresentadas, sem nenhum resultado, à própria Federação, — os corredores lisboetas fizeram uma verdadeira hecatombe nos obstáculos, o que não impediu o júri, deliciosamente condescendente, de os classificar.

Fernando Ferreira derrubou sete barreiras, Antonio Pereira deixou abaixo seis e o concorrente de Amarante mais três, pelo que o autêntico vencedor da prova foi o representante do Académico, que apenas lançou por terra duas barreiras.

As provas de lançamento puzeram em foco o valor equilibrado actual dos discobolos sportinguistas e a boa forma do sempre jovem Herculano Mendes, que é bem capaz ainda de vir a ser o derrubador do máximo nacional do veterano Herculano Mendes. Manuel da Silva, teve exibição desastrosa, a pior da época; desequilibrou-se nas voltas, sintoma de «exagero de vontade de bem fazer, trocando o ritmo e a dinâmica habituais por esforço contraído e desordenado, de conseqüências funestas. Se este rapaz corrigir durante o inverno os seus defeitos nas manobras giratórias, tanto com o disco como com o martelo, é susceptível de alcançar marcas além de tudo quanto até hoje se têm feito em Portugal.

O mesmo sucedeu com o saltador em comprimento Alvaro Dias, em relação aos sete metros; estão-lhe nas pernas, se aperfeiçoar a corrida preparatória. Falta-lhe mecanização na passada e aceleração máxima desde o início da carreira. Desta vez alcançou 6,89 metros e 6,87; falta pouco, mas estes nadas são sempre os mais difíceis de abolir.

António Santos proporcionou agradável surpresa no salto à vara, transpondo correctamente 3,51 metros; tentou em seguida o «record» do malogrado Boaventura, mas era, por enquanto, ambição demasiada e as três tentativas falharam sem vislumbre de possibilidades. Mostrou, porém, o habilidoso rapaz, que é o mais autorizado candidato à sucessão.

Outra tentativa de assalto ao «record» nacional, da autoria de Luis Alcide, no triplo-salto, não foi além de 13,71 metros, ficando portanto a 33 cm. do seu objectivo.

Completando o programa, disputaram-se algumas corridas de estafetas, que interessaram pela combatividade dos adversários — mas perderam a emoção porque se resolveram muito antes da meta e dos últimos percursos.

### LIVROS NOVOS

#### “A B C DO PUGILISMO”

**RAFAEL BARRADAS**, nosso estimado companheiro de trabalho, acaba de publicar mais um interessante livro sobre pugilismo, modalidade desportiva na qual é justamente considerado como crítico de renome.

O «ABC do Pugilismo», assim se intitula o seu novo trabalho, trata, em síntese, de tudo quanto se relaciona com aquêle desporto. Apesar de ser uma obra de divulgação, sem profundar em pormenor a técnica do fôro do sêco, revela-se de grande utilidade e deve considerar-se como a mais completa no género escrita em português, sendo como que a «bíblia» ampliada, do livro «Boxing», também de Rafael Barradas, editado em 1927.

«ABC do Pugilismo», que recomendamos a todos os cultores e entusiastas da «nobre arte», é apresentado, com sugestiva capa a cores, por Edições VIC.

Agradecemos os exemplares enviados e brevemente comentaremos mais detalhadamente esta obra na nossa secção de bibliografia desportiva.



para manter as forças durante um esforço e refazer-se rapidamente da fadiga, deverão recorrer sempre à Ovomaltine. Alto valor nutritivo, preparação simples com leite, chá ou água, quentes ou frios, de extrema digestibilidade. É o reconstituinte sonhado pelo desportista.



**É UM PRODUTO WANDER**

# Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

63 — João Silva, campeão nacional de fundo

Outro exemplo de corredor ligeiro e descontraído.  
1 — A perna livre avança sem esforço, joelho bastante flectido e pé em posição de abandono; a perna que vai ao apoio leva o joelho apenas ligeiramente flectido, para amortecer o choque, o pé disposto a assentar quasi de planta — com ligeira precedência do calcanhar, segundo as regras de melhor economia.

2 — Movimento de braços pouco acentuado, perfeitamente de acôrdo com a posição do tronco (inclinado à frente) e com o escasso péso do trço superior do atleta.

Manuel Nogueira, segundo classificado nos provos finais de fundo, contrasta com o anterior.

3 — Tôta a atitude do corredor dá a impressão de esforço exagerado. A perna vem contraída, mantendo ainda a posição em que descolou do solo, no acto de impulsionado.

4 — A posição dos braços é a mais caracteristica do estilo — chamemos-lhe muscular, do corredor. Acentuada oscilação dos braços, com forte angulação do cotovello; os ombros subidos traduzem a contractura dos músculos da região, a qual se traduz de certeza por um antagonismo oneroso para os movimentos respiratórios do torax.

O facies dos corredores mostra claramente o reflexo dos dois estilos: calma em João Silva, esforço penoso em Manuel Nogueira.

64 — Manuel da Silva, campeão de Lisboa

A posição geral é bastante correcta.

1 — Está no meio a primeira volta; o pé roda sobre a ponta e o joelho da perna em apoio mantem-se em meia flexão, para facilitar o equilibrio do corpo e impedir a deslocação, para diante, do eixo do centro de gravidade; a outra perna flectiu bastante pelo joelho, colaborando assim no movimento giratório, que é ajudado pela trajectória da coxa para diante e para dentro.

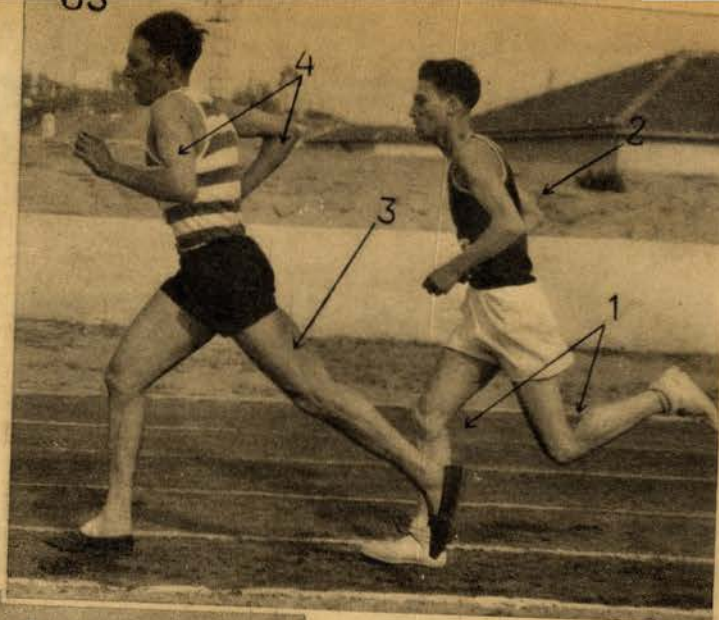
2 — Os braços vêem-se estendidos e no prolongamento da haste do martelo, as mãos pouco mais altas do que o hombro, o suficiente para assegurar a elevação da esfera no vértice anterior da trajectória oblíqua.

3 — A posição do tronco, apesar de inclinada no sentido oposto à força centrífuga do movimento giratório do martelo, parece ser aqui o ponto do estilo ainda sujeito a correcção. O corpo apresenta-se todo êle adiantado relativamente ao eixo de apoio, o que prejudica a solidez do equilibrio e diminui a accleração giratória da esfera. Admito a possibilidade de um erro de perspectiva, visto o lançador se apresentar, na fotografia, no momento final da curva ascendente, em que a inclinação inclde sobre o flanco direito.

65 — Trigo de Mira, 3.º classificado no campeonato de Lisboa.

1 — A mão acaba de libertar o dardo e a trajectória do braço seguiu o plano de projecção, vindo terminar a sua chleotada por cima da cabeça.

2 — Apoio da perna anterior em extensão do joelho, oferecendo apoio de sólida opposição ao aproveitamento da força de transacção anterior, para o impulso do dardo, e a travagem da corrida, para efeitos de não ultrapassagem do limite.



3 — O braço esquerdo exerceu o seu esforço de tracção para baixo e para traz, guiando assim a acção propulsiva do ombro direito e o apoio do péso do corpo, para cuja insistência contribui a flexão lateral à esquerda.

4 — O pé direito descolou cedo demais do solo, abreviando a acção de travagem — que é dos mais importantes tributos para pôr termo à accleração da corrida e aos perigos de ultrapassagem.

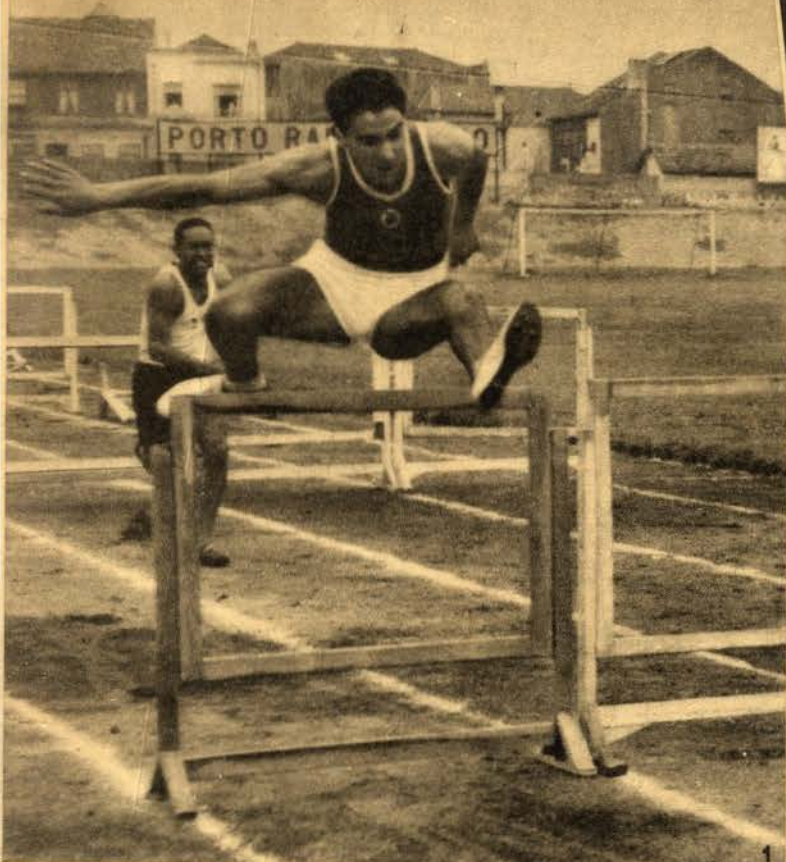
5 — A bacía está demasiado recuada, prejudicando a eficiência do trabalho dos músculos dorso-lombares; a culpa é, em parte, da falha de apoio do pé direito, e em parte do esforço mal ordenado da contractura dos abdominais, desordenada do trabalho dos músculos do ombro e dorsais.

SALAZAR CARREIRA



# Atletismo

Imagens do festival da FEDERAÇÃO  
efectuado no domingo  
na pista do **Sima**



1 — Fernando Ferreira, correcto e valoroso atleta do Benfica, durante a prova de 110 metros barreiras, na qual venceu; 2 — A equipa do Sporting vencedora dos 400x300x200x100 metros; 3 — Sampaio Peixoto, do Académico, que estabeleceu o novo "record", nacional dos 400 metros, é colhido pela objectiva ao ganhar os 100 metros, seguido de Nuncio, do Sporting; 4 — Romero, do F. C. do Porto, conquista os 80 metros juniores

(Fotos Hermann)

# Vamos aprender como se joga?

## VI — O Jogo dos avançados

Notas técnicas pelo dr. SALAZAR CARREIRA

**A**LGUMAS pessoas têm estranhado que esta nossa série de artigos esteja sendo publicada em plena canicula, quando até só pensar no «rugby» nos faz transpirar... A decisão justifica-se facilmente: tratando-se de instruções para ensinamento, consideramos mais conveniente que os jogadores possam tê-las ao seu dispor quando iniciam os treinos preparatórios para a nova época. Com esta explicação esclarecemos todas as dúvidas e seguimos no assunto.

No complicado xadrez do «rugby», os avançados são, incontestavelmente, de todos os jogadores, aqueles cuja acção é mais extenuante. Constantemente na brecha, intervindo nas mais diversas circunstâncias do jogo, exigem-se-lhes alternadamente força, agilidade, corrida rápida, pontapé certo — tantos e tão variados predicados que só um atleta completo pode desempenhar com agrado tal lugar na equipa.

O modelo de avançados obesos, que só se movem ao retardador, é uma característica da incompreensão portuguesa das características e verdadeira mecânica do jogo do futebol «rugby».

A missão dos avançados pode resumir-se em quatro princípios fundamentais:

1.º — Diligenciar sempre apossar-se da bola, dominando o esforço antagónico dos directos adversários; 2.º — Preparar o trabalho das linhas de ataque, passando-lhes correctamente a bola de que se apossaram; 3.º — Cooperar nos ataques que prepararam; 4.º — Ajudar as linhas da rectaguarda, auxiliando a defesa.

Tudo isto se sintetiza ainda mais dizendo que o bom avançado deve estar em toda a parte onde a bola se encontre e sempre pronto a maneja-la. Assim se mostra como é extenuante e ingrata a tarefa dos avançados e, por dedução elementar, como deve ser cuidada a sua preparação física.

Vamos examinar sucessivamente a acção particular dos avançados nas principais fases de jogo, com maior atenção para aquelas onde intervêm em exclusivo: a formação e o lançamento da linha.

A arte de saber organizar a formação segundo as regras clássicas, é factor essencial de bons resultados. A verdade manda declarar que os avançados portugueses a desprezam por completo, gerando por isso constantes interrupções, jogadas confusas e demoradas, espectáculo desolador para quem sabe que o «rugby» é essencialmente dinâmico.

Para assentar idéias, recordamos que a formação é constituída por oito homens, distribuídos em três linhas. Três na linha da frente, a que entra em contacto directo com a linha adversária, dos quais o do meio se chama talonador e pilares os companheiros do lado; dois na segunda linha; e do novo três na última. Os zelandeses formam apenas em duas linhas (três e quatro homens), destacando o oitavo avançado para auxiliar os médios.

Os pilares, normalmente os dois avançados mais poderosos, devem segurar bem o talonador, ser equilibrados em peso e estatura e mais altos do que aquele.

Os dois homens da segunda linha são o eixo do equilíbrio da formação, devendo ter muito aproximadamente a mesma estatura e peso, a mesma resistência e poder. Encaixam a cabeça entre as

ancas dos homens da primeira linha, cada um de seu lado do talonador, abraçando com o braço exterior a cintura do pilar e entrecruzando os braços interiores por sobre o dorso, de forma a manterem-se unidos e em posição paralela; competem-lhes principalmente dar estabilidade à formação e manter o bloco unido e sólido.

O jogador centro da terceira linha coloca-se com a cabeça entre os corpos dos dois elementos da segunda linha, cujas ancas abraça e conserva firmemente aproximadas. Os dois restantes, cada um de sua banda, empurram com o ombro do lado interior sobre a anca externa da segunda linha correspondente, ao qual se amparam com o braço, ficando livre o exterior.

A pressão da terceira linha deve ser constante e rigorosa, apoiando o esforço dos restantes avançados. Até à saída da bola de dentro da formação e desde o sinal da entrada, dado pelo médio, o dever único dos oito avançados é empurrar com toda a sua força.

Para melhor aproveitamento do esforço de impulso dos avançados, a formação deve ser baixa, isto é, disposta de maneira que o plano do dorso dos jogadores seja horizontal e os membros inferiores actuem de trás para diante, com a anca mais avançada do que os pés.

Para conseguir esta formação ideal, escreveu um conhecido técnico francês, «deve baixar-se bastante a cabeça, o que permite apanhar por baixo a formação contrária e fiscalizar com maior facilidade a entrada da bola e respectivas evoluções, e curvar o corpo o mais possível, inclinando-o na direcção do impulso a exercer, isto a-fim de evitar a rotação do bloco em consequência da perda de equilíbrio, conseguindo ao mesmo tempo — assentando bem os pés no solo e conservando os joelhos meio flectidos — um esforço bem orientado e que pode ainda ser ajudado pela extensão final das pernas».

## OS CAMPISTAS DO CLUBE ATLÉTICO DE CAMPO DE OURIQUE TIVERAM 17 DIAS DE VIDA AO AR LIVRE

**O**S lindos dias cheios de sol que marcam a quadra do verão, tão propícios à prática do campismo, foram bem aproveitados pelos amigos da vida ao ar livre. Quer desfrutando os fins de semana ou em gozo de férias, os nossos campistas saíram para o campo e para a praia, recebendo os inúmeros benefícios que oferece o contacto directo com a natureza. Cada um soube experimentar as aventuras e os prazeres do «camping», percorrendo estradas e caminhos; subindo aos montes para melhor apreciarem toda a beleza da paisagem da Serra; e embrenhando-se nos pinhais, a respirar o aroma forte da seiva tonificante ou marchando à beira-mar, os olhos a gozarem o conjunto belo do mar e do céu, confundindo-se no mesmo azul límpido, batido por sol esplendoroso.

Por todo o país, os campistas mantiveram nestos meses de verão animado movimento. Isoladamente, ou constituindo pequenos acampamentos, os amigos da vida ao ar livre souberam aproveitar os resultados da mais salutar das actividades

## BARREIRA DE SOL

Campo Pequeno, 6 de Setembro

**N**OITE um pouco agreste, não obstante a que a Praça registasse uma entrada farta, de bons três quartos de casa. O atractivo da corrida era a apresentação da gentilíssima «señorita» peruana Conchita Cintron, precedida de justa fama — que entre nós se confirmou plenamente. Conchita é uma artista consumada nos três tórcios da lide (substituído o segundo pelo toureiro a cavalo) e um caso inédito de triunfo feminino numa Arte em que tão frequentes são os fracassos masculinos.

Manejando o capote com garbo, soltura e suavidade, monta a cavalo para aliar — por forma muito feliz — uma alegria «campera», de acentuado sabor andaluz, às regras mais puras da nobre Arte de Marialva. Na sua forma impecável de citar à tira, consentindo e cravando ao estribo, é bem reconhecível a «mdo do Mestre», o insigne amador D. Ruy da Câmara, distinto entre os mais distintos cultores do toureiro equestre.

Mas Conchita Cintron faz mais e melhor. Domina os segredos do toureiro de mula como qualquer «maestro» consumado. O primeiro garrido do sr. Pinto Barreiros «achuchava» pelo lado direito. Conchita tratou de lhe corrigir rapidamente esse defeito, levando-o aos «médios» e ministrando-lhe uma «faena» sóbria de domínio, inteligente e cheia de verdade. Do segundo, nobre e coelheiro, soube tirar partido numa «faena» vistosa e artística, iniciada com estatuários ajudados por alto, seguidos de um reportório de filigrana em que intercalou uma impecável série de naturais. Justas e merecidas ovações coroaram simultaneamente os seus méritos de artista consumada e o encanto da sua juvenil simpatia.

O resto do programa foi preenchido pelo trabalho de três toureiros mexicanos, merecendo especial referência «Cañitas», que com o capote, as bandarilhas e a mula logrou um triunfo completo. — J. E.

desportivas — como os campistas do Clube Atlético de Campo de Ourique, que estiveram acampados na lagôa de Albufeira durante 17 dias, cheios de alegria e boa disposição, sob sol maravilhoso. Um acampamento que a todos deixou saudades e bellissimas recordações.

Os campistas do Campo de Ourique efectuaram uma boa prova de marcha, com a primeira «etapa» de 10 quilómetros, partindo de Camilhões. O segundo percurso, iniciado após um pequeno descanso, no cruzamento da estrada Setúbal-Sesimbra, foi feito com a caravana dividida em equipas até ao ramal da Apostasia. Depois, foram os últimos 2 quilómetros para a lagôa de Albufeira. Quando nesse mesmo dia o céu se tingiu, para os lados do poente, de vermelho ardente, já as tendas canadenses formavam a pequena aldeia campista — e os seus alegres habitantes iniciavam a saída vida ao ar livre, regulamentada por um horário em que se incluíam, desde a alvorada, às 8 horas, até ao recolher, às 23 e 30, todos os trabalhos de acampamento, actividades desportivas e as necessárias horas de repouso, com os livros por excelentes companheiros. E assim decorreram 17 bellissimos dias. No regresso, o percurso foi feito à beira-mar, até à Costa da Caparica.

Neste acampamento — disse-nos Fernando Baía dos Santos, dirigente da secção campista do Campo de Ourique e chefe desta caravana — colheimos inúmeros benefícios. Todos nós, após a chegada, obrigámos o ponteiro de uma balança automática a registar a nossa melhoria de peso. Enraizámos mais profundamente a nossa amizade e estreitámos com elevado prazer a nossa leal camaradagem!

«Mais uma vez a vida em conjunto no campo, contendo cada um consigo próprio, fez do campista um homem útil».

F. S.

## Grande Casino de Espinho

0 mais luxuoso • 0 mais alegre • 0 mais concorrido

Variedades - 4 Orquestras  
Zona de Jogo e Turismo

# O Sport Comércio e Salgueiros

grupo essencialmente popular no Norte do País

A história do Sport Comércio e Salgueiros não é fácil de fazer. Sabe-se, no entanto, de fonte certa, que o Salgueiros se fundou em 1911, com o título de Sport Pôrto e Salgueiros. E sabe-se, também, que se reuniu ao Sporting Club Comércio, em 1920, passando a adoptar o título de Sport Comércio e Salgueiros. Antes e depois desta fusão, o clube é conhecido geralmente pela designação de Salgueiros.

Pouco se conhece relativamente aos primeiros anos da existência e à cerca das pessoas que o fundaram e contribuíram para o desenvolvimento do novo clube. Não há, porém, dúvida de que a sua popularidade data de há largos anos. E é natural que para o facto tenham concorrido bastante três coisas — a réplica valorosa que deu quasi sempre ao Futebol Clube do Pôrto; a cor da sua equipa, calções brancos e camisola rubra, como a do Sport Lisboa e Benfica; e ser apenas constituído por jogadores portugueses, num meio desportivo em que haviam muitos estrangeiros.

Não se afirmou, pois, como clube de «élite», mas de gente modesta, que trabalha para viver. E a própria fusão com o Comércio não alterou fundamentalmente essas características. Juntaram-se operários e empregados no comércio, gente modesta que trouxe para o desporto as qualidades de energia com que é preciso lutar na vida.

Para esta popularidade contribuiu também o facto de ter sido, durante muito tempo, o clube proprietário do melhor campo que havia então no Pôrto — o campo do Covelo.

Temos, assim, que o Salgueiros é, na Invicta, o clube mais popular — e que toda a existência esforçada se liga a essas características e ao seu primeiro campo.

## UM POUCO DE HISTÓRIA

Embora difícil, na sua evocação, feita em grande parte à custa da memória de vários sócios antigos, o Salgueiros tem história no movimento desportivo do Pôrto, sobretudo no futebol.

Ganhou o seu primeiro campeonato distrital na época de 1915-16, em 2.<sup>as</sup> categorias. Em primeiras foi campeão em 1917-18; de segundas, em 1915-16; de terceiras, em 1918-19, e de 1924-25 a 1930-31, em sete anos sucessivos; de quartas categorias em 1921-22; e de infantis, em 1928-27. Ganhou a «Taça de Honra» em 1918-19.

Desdobrando por anos, temos:

1915-16 — Campeão de 2.<sup>as</sup> categorias.

1917-18 — Campeão de 1.<sup>as</sup> categorias.

1918-19 — «Taça de Honra» de 1.<sup>as</sup> categorias.

Há, depois, um período de crise, ou de transição, quando em 1920 se fez a fusão do Salgueiros com o Sporting Clube Comércio: anos de 1919-20 e 1920-21.

1921-22 — Campeão de 4.<sup>as</sup> categorias.

1924-25 e 1925-26 — Campeão de 3.<sup>as</sup>.

1926-27 — Campeão de 3.<sup>as</sup> e de infantis.

De 1927-28 a 1930-31 — Campeão de 3.<sup>as</sup> categorias.

Na categoria de honra, o Salgueiros tem-se classificado muita vez no segundo lugar, atrás do seu velho e valoroso rival — Futebol Clube do Pôrto. Pelo seu valor em campo, pelo apêgo pôsto sempre em luta — o Salgueiros tem sido um bom cartaz de propaganda para todos os torneios de futebol disputados no Pôrto, e noutros desportos.

## O COVELO NA VIDA DO SALGUEIROS

O campo do Covelo foi, quando se construiu, e em largos anos, o melhor campo de jogos dos clubes do Pôrto, e talvez um dos melhores do país — até ao aparecimento do Campo do Ameal, do Sport Progresso, e do Estádio do Lima, edificado pelo Académico Futebol Clube.

Para o campo do Covelo iam, portanto, os jogos mais importantes, tanto em provas oficiais como em desafios particulares. O jogo mais representativo que lá se disputou foi o que teve lugar em 16 de Julho de 1925, com uma selecção do Uruguay, que triunfara nos Jogos Olímpicos de 1924.

Ao terreno do Covelo deve, porém, o Salgueiros os seus mais graves momentos de crise. Não vem para este trabalho indicar os motivos que determinaram o sacrifício do campo do Covelo. Basta registar que o Salgueiros perdeu o seu campo e que o facto se deu numa altura em que outros clubes do Pôrto se preparavam para o substituir, no pósto de rival directo do Futebol Clube do Pôrto.

O Salgueiros viveu uma fase longa de dificuldades tremendas. Correram várias vezes boatos alarmantes acerca do seu possível desaparecimento. Teve de recorrer a um cam-

po de aluguel — e chegou a andar com o pagamento das rendas em atraso. Em muitos meses, não chegou a receita para cobrir a despesa. Tudo lhe saía torto. Subia a onda de desânimo, de quando em quando.

## O MILAGRE DO SALGUEIROS

Mas não acabou! E isso é que importa fixar. O Salgueiros resistiu, valorosamente, à crise provocada pela perda do campo do Covelo. Tapando de um lado, descobrindo do outro, o Salgueiros suportou com estoicismo a pesada cruz do seu calvário. Lutou — e venceu.

O milagre, assim chamado nos jornais do Pôrto, deu-se em 1935-36. Não se classificou muito mal no campeonato regional. Foi para a eliminatória do 3.<sup>o</sup> grupo da Zona B do Campeonato da II Liga e, embora começando sem aspirações, chegou ao primeiro lugar, com 11 pontos em 8 jogos, à frente dos seguintes clubes — União de Coimbra, Lusitano de Viseu, Sporting de Fafe e Sporting de Espinho. Pode ter beneficiado com o sorteio, mas a verdade é que bateu uma série de clubes de valor naquela temporada. Na final da zona B, ganhou, no seu campo, ao Leixões, por 6-1, e perdeu no terreno do adversário, por 1-3. Resistiu à eliminatória — e chegou a finalista.

A final disputou-se em 3 de Maio de 1936, contra o Oihanense. Perdeu pela tangente — por 1-2.

O Salgueiros voltou, pois, ao primeiro plano de uma das grandes competições nacionais do futebol.

## ALGUNS NOMES DE JOGADORES

Entre os seus jogadores de futebol dos tempos antigos do clube houve alguns que saíram do nível médio da sua equipa. Entre eles merecem relêvo — Joaquim Reis, mais conhecido, entre os apaixonados do clube, por «Farrapa», exemplo magnífico de dedicação pelo Salgueiros; Américo Teixeira, Alberto Abraão, todos já falecidos, e Couteiro, Pereira dos Santos, Carlos Augusto e Leonel, entre os vivos. Devemos salientar também José Pereira, ido de Lisboa para o Salgueiros, antigo jogador e treinador do clube e conhecido árbitro de futebol.

Diferentes jogadores do Salgueiros foram seleccionados para a equipa representativa da sua cidade e muitos passaram para outros clubes. Mal começavam a brilhar, vinha a pesca... Do «onze» de 1935-36, Baptista marcou lugar de relêvo e Pepe tem sido aproveitado várias vezes para a selecção portuense.

## NOUTROS DESPORTOS

O Salgueiros, notado mais nos torneios de futebol, não tem no entanto descurado a prática de outros desportos. Tem feito de tudo um pouco, desde o ciclismo até ao «basket».

O atletismo tem merecido grande atenção às últimas gerências do clube, como desporto que interessa grandemente à preparação dos jogadores de futebol. Em diversos campeonatos regionais, adjudicou para si os títulos de campeão nas provas de 5.000 e 10.000 metros. O campeonato nacional de triplo salto foi ganho, em 1934, pelo Salgueiros (Ribeiro — 12<sup>m</sup>,36). No ano corrente, Elísio Silva conquistou o campeonato regional de juniores, em 1.000 metros.

Em «handball», na época passada, depois de ter vencido na II Divisão, subiu à I Divisão, por ter batido o Sport Clube do Pôrto. Também se tem dedicado à natacão. A sua mais recente proeza é representada pela vitória obtida na «Milha do Mar», organi-



A colecção dos trofeus conquistados pelo Sport Comércio e Salgueiros

(Continua na pag. seguinte)

## Mesmo como estreatantes, fomos pouco felizes

— diz Jaime Graça, capitão da equipa de honra do popular Salgueiros

O capitão do «onze» de honra do Salgueiros, Jaime Ferreira da Graça, atendeu amavelmente o jornalista, quando procurámos para dizer alguma coisa acerca do que foi a última época para o popular clube. Não era, porém, fácil a tarefa, visto que o Salgueiros, entrando pela primeira vez no Campeonato de Portugal da I Divisão, ficou no último lugar. E a conversa incidiu de preferência nessa representação. É que, para qualquer sócio, jogador, atleta ou dirigente do Salgueiros, o acontecimento de mais relêvo nos últimos anos consistiu na sua entrada na competição de honra do futebol português.

A actividade do clube, na temporada de 1943-44, tem pois, como ponto de referência, a classificação do Salgueiros no campeonato distrital, com um segundo lugar por que trabalhava entusiasticamente há muito tempo — e a infelicidade com que jogou no ano da sua estreia no campeonato nacional. Houve alegria compreensível quando se realizou uma das grandes aspirações do seu clube — e veio depois o travo amargo de uma série de derrotas em frente de clubes de primeiro plano. De tal modo se generalizou esta impressão de alegria e máguia, entre toda a gente que dirige e acompanha o Salgueiros, que o capitão da primeira categoria, ouvido por nós, entrou logo no assunto, sem preâmbulos:

— Não fomos nada felizes, no campeonato de Portugal, não obstante nos batermos com fervor desusado para ingressar nesse torneio de honra do futebol português. Na «poule» distrital, a nossa equipa foi soberba de oportunidade e na condução dos desafios. No campeonato do país não nos sucedeu o mesmo.

Jaime Graça indica seguidamente as causas:

— Várias foram as dificuldades, algumas delas difíceis de prever, outras próprias de um grupo essencialmente amador. Não pudemos por isso apresentar sempre a mesma equipa — permanente, definitiva.

«A impossibilidade de deslocação que tiveram diferentes elementos contribuiu para não nos fixarmos numa toada de jogo, só

viável pelo contacto frequente e certo entre os mesmos jogadores. Houve uma série quasi infinita de «arranjos», entre os jogadores disponíveis. Nunca se sabia ao certo com que elementos alinhariamos, em cada desafio.

«Estas dificuldades reflectiram-se em todo o campeonato. Não haviam lugares fixados. As necessidades determinavam que nesse dia se jogasse à defesa, noutro a médio. No ataque, homem que jogara nesse domingo a avançado-centro, teria de alinhar depois a interior e a extremo. O recurso aos «velhos», áqueles que se firmaram noutras épocas pelo seu apêgo à luta, não deu o resultado que se procurava. A idade e o destreino não perdoam. Os novos não deram rendimento bastante. Faltava-lhes equilíbrio. Não houve, pois, uma equipa homogênea, com toada certa, à defesa ou ao ataque.

«Por este motivo, chegámos a perder de forma inglória jogos que tínhamos o dever

## A SEDE É A NOSSA PREOCUPAÇÃO DE MOMENTO

— declara o sr. António Lopes Martins, activo director do S. C. Salgueiros

A entrada do Sport Comércio e Salgueiros no Campeonato Nacional da I Divisão constituiu a maior satisfação dada à massa associativa do popular clube «encarnado». Depois que deixou o campo do Covêlo, os seus associados viveram horas amargas até que conseguiram um terreno na rua Dr. Manuel Laranjeira, onde se instalou o campo de jogos, cujas obras ainda continuam enquanto o mesmo não seja dotado de todas as comodidades comuns a campos desportivos.

Assim, a direcção do clube, auxiliada convenientemente por um grupo de associados, à frente dos quais se encontra a figura prestigiosa do sr. engenheiro Vidal Pinheiro, fez construir, quasi completamente, as bandeadas, que não existiam. Foi esta uma das maiores regalias concedidas aos seus consó-

moral de ganhar, desafios que se aguardavam como podendo permitir um triunfo que servisse de estímulo. Foi uma temporada que começou bem, no campeonato regional, e que findou com infelicidade, no Nacional e na «Taça de Portugal»... Principiámos bem. No resto, fomos de uma infelicidade manifesta».

No Salgueiros é hábito reagir oportunamente. Não há desânimos. Não pôde ser desta vez, será de outra... Este ritmo de trabalho, com entusiasmo, é traduzido por Jaime Graça nas palavras que seguem:

— Creio, porém, que na nova época, mercê de uma orientação que se define e accentua, o Salgueiros poderá fazer muito mais e melhor. Como estreatantes na I Divisão do Campeonato Nacional, fomos infelizes. Estou, no entanto, convencido de que devemos ter lucrado com a lição...

As palavras de Jaime Graça devem encontrar eco — nos jogadores, nos dirigentes e nos adeptos do popular clube portuense. Todos devem cooperar na melhoria das equipas representativas do clube em futebol. E estamos persuadidos de que, se todos se unirem em volta do clube com o entusiasmo de sempre, o Salgueiros subirá de valor e alcançará um nível que corresponde melhor às suas aspirações de clube de primeiro plano.

cios, ao mesmo tempo que deu maior comodidade ao público.

Ouvimos, a propósito, o nosso velho amigo António Lopes Martins, figura de grande dedicação e relêvo entre os «salgueiristas».

— A nossa entrada no «Nacional» — disse-nos o sr. Lopes Martins — foi um acceite para os inúmeros simpatizantes e amigos. Era a realização de uma das mais antigas aspirações do clube. Ela veio finalmente — e com orgulho o digo — na minha gerência. Fomos desta vez mais felizes? Sim, talvez... O que quiserem. O que interessa, sobretudo, é que o conseguimos. Levou-nos tempo, custou-nos muito esforço, muita cansaça, mas entrámos...

— E bem — atalhámos.

— Há quem diga que foi com o pé esquerdo, em virtude de não termos arrancado uma classificação melhor. Isso não importa. Com o direito, ou com o esquerdo, para o momento, não nos interessava. O que queríamos era ter a oportunidade de pôr em contacto o nosso grupo com os «maiores» da capital e da provincia. A nossa preocupação era deixar de andar a lutar com os mesmos clubes, as mesmas caras, as mesmas camisolas. Ninguém podia esperar que o Salgueiros fôsse entrar e vencer. Não! Quem pensou nisso, errou!

«A nossa entrada no «Nacional» tinha, para a direcção, além da questão desportiva, o aspecto associativo, digamos assim. E que não andamos muito fora da lógica, indica-o exuberantemente o livro de registo de associados. Tínhamos 360 antes do torneio; e agora temos 1.340! Compreende o nosso interesse?»

«Toda a gente sabe que a base certa, como ponto de partida para todos os cálculos, é a quotização. O restante, como seja a receita dos jogos, é problemático, pois pode ser elevada ou não. Batemos um «record». Estamos contentes.

— E agora, depois dêsse triunfo moral, quais são as outras aspirações? — inquirimos.

— Várias. Relatá-las, seria tomar-lhes muito tempo. Mas vá lá uma a de mais importância entre tantas: a sede. A verdade é esta: não temos uma casa instalada em sítio próprio, onde possamos receber condignamente quem nos visitar. E sabe que a sede de um clube como o nosso é uma espécie de prolongamento do nosso lar. É um local onde nos reunimos, onde conversamos, onde treçamos impressões, onde as direcções tratam mais de perto com os seus consócios.

## O Sport Comércio e Salgueiros

Conclusão da página anterior

zada pelo Galitos da Foz. O primeiro lugar individual coube a João Conceição Santos, do Salgueiros.

A secção de ciclismo merece uma referência mais larga. Vem de há bastante tempo e teve agora a sua expressão mais representativa com Império dos Santos. Tem sido um dos corredores mais brilhantes, nesta temporada. Ganhou as três primeiras corridas: 50 e 100 quilómetros em linha, e 100 quilómetros contra-relógio. Foi quarto nos 150 quilómetros, sem prejuizo da conquista do título de campeão regional, por 42 pontos, contra Aniceto Bruno, do Pôrto, apenas com 41. Classificou-se em terceiro lugar no campeonato nacional de fundo, com o mesmo tempo do vencedor. E ganhou a primeira etapa do Pôrto-Vila Real-Pôrto. Foi já proclamado vencedor da prova. Mas o desempate com Jorge Moreira está em suspenso.

Dos antigos corredores do Salgueiros distinguiram-se Domingos Dias, ciclista voluntarioso, que era conhecido pelo Nicolau do Norte, e José Pigarro, corredor de melhor técnica. Domingos Dias e José Pigarro classificaram-se em 9.º e 10.º lugares, respectivamente, na IV «Volta a Portugal», em 1933, ficando ambos à frente da classificação individual dos corredores regionais e ganhando, em conjunto, o prémio de melhor equipa regional. Na «Volta» imediata, embora com lu-

gares mais modestos na classificação geral, pôde o Salgueiros, com Albino Carvalho, Domingos Dias e Manuel Teixeira, classificar a sua equipa em 5.º lugar, à frente do Sporting-B, Belenenses-B, Académico e Pôrto-A e B. Manuel Nunes de Abreu, segundo classificado e uma das revelações da I «Volta», correu pelo Salgueiros, em 1930. Domingos Dias triunfou no «Circuito de Vila Real», em 1933.

\* \* \*

Feito este relato do que tem sido a vida do Sport Comércio e Salgueiros, vem a propósito anotar que o clube se encontra agora num período de pleno progresso. São tão grandes as dificuldades que impendem sobre um clube desportivo que não é fácil prever até onde qualquer dêles pode levar a sua acção. O certo, porém, é que o Salgueiros, reagindo oportunamente contra a crise que atravessou durante bastantes anos, tem agora melhores perspectivas — para o futuro.

Com o fim de preparar melhor as equipas que o representam em futebol, entregou a sua direcção a Desidério Hertz, irmão de Lippo Hertz, treinador do Futebol Clube do Pôrto. Os dois rivais têm agora como treinadores os dois irmãos. Isso não impede que Desidério Hertz procure bater o Lippo — no campo do jogo. É uma questão à parte...



## ALBERTO RAPOSO

**F**ALECEU, no domingo, em plena mocidade, o antigo corredor Alberto Raposo, que se afirmou brilhantemente, na estrada e em pista, pelo seu temperamento voluntarioso e irrequieto, deixando excelente impressão das suas magníficas façanhas de corredor, nas duas vezes em que esteve



no país vizinho. Entre os clubes em que alinhou, distinguia-se especialmente no Belenenses e no Grupo Desportivo da Iluminante. Neste último clube, deixa Alberto Raposo uma excelente impressão de camaradagem. Próximo do desenlace fatal, Raposo lembrou-se ainda de alguns colegas de equipa. Alberto

Raposo veio para o ciclismo com uma tradição de família: seu pai, Joaquim Raposo, foi um grande corredor de pista e estrada, batendo-se algumas vezes com ciclistas estrangeiros e tendo ainda tomado parte na I «Volta a Portugal»; Julio Raposo, seu irmão, revelou-se como corredor quando ainda residia no distrito de Viseu, tendo-se retirado prematuramente.

Alberto Raposo conquistou bons triunfos em muitas provas, das mais variadas características. Era essencialmente, como dissemos, um corredor voluntarioso, que combatia pelo prazer da luta, sem defesas excessivas. Uma das suas proezas de maior relevo foi a de uma «fuga» no Porto-Lisboa, há anos. Pareceu uma fuga precipitada, mas serviu para que o vencedor, Alfredo de Oliveira, chegasse a Lisboa com mais de uma hora de avanço, sobre os «ases».

A Joaquim e Julio Raposo, bem como à restante família do extinto e à direcção do Grupo Desportivo da «Iluminante», endereçamos o nosso cartão de pésames.

## A NOVA ÉPOCA DA BOLA

Começam no próximo domingo os campeonatos regionais de futebol

O futebol reaparece, oficialmente, no próximo domingo. O «defeso», durante o qual os jogadores descansam e o público retempera os nervos, o «defeso», dizíamos, fechou quando caiu a última folha do calendário de Agosto... Mas, entre nós, como por certo noutros países de apertada rivalidade clubista, o futebol só interessa verdadeiramente no período das competições oficiais, na fase em que os resultados contam para a marcha dos campeonatos. Até lá, não passa de motivo para rever as «linhas» — e formular conjecturas...

Pois o futebol de competição recomeça no próximo domingo, em mais de um distrito. Na altura fixada nas instruções expedidas pelas diversas associações regionais, como que pela indagação de uma batuta mágica, volta a animação aos campos da bola, em jornadas que são das melhores, como espectáculo grandioso, no desporto mais popular: Animem-se quantos esperavam o campeonato com ansiedade! Faltavam poucos dias.

No próximo domingo, retorna o entusiasmo. E é, de semana a semana, quasi sem soluções de continuidade.

Em Lisboa, a série inaugural comporta três desafios de interesse, pelo menos como pretexto para avaliar do valor das forças que vão ser postas em presença.

## O combate SOUSA-LARZEN

teve desfecho que provocou ruidosos protestos — mas...

Crónica de RAFAEL BARRADAS

A SESSÃO de boxe realizada a 8 do corrente, no Parque Mayer, nasceu e decorreu sob o desagrado dos Deuses. Primeiramente, adiada por motivos de carácter burocrático, depois quasi suspensa por força de um mal entendido desfeito a tempo — estava escrito que a fatalidade se manteria até ao encerrar do espectáculo.

Não somos, por natureza, supersticiosos, mas reconhecemos que a vontade do Homem não domina acontecimentos, por mais que lute contra eles. Quem diria, pois, ao analisar com antecedência o programa da empresa, no qual se incluíam, pelo menos, quatro dos pugilistas nacionais de maior popularidade e cartaz (Martins, Rocha, Sousa e Larzen), acolitados por outros quatro de mediana categoria, quem diria que tão incoletes e desagradáveis sucessos viriam a lume no dia e momento das provas.

Só um adivinhador ou, então, um desses astrólogos que conhecemos sempre aptos a destruir o pouco que existe do pugilismo nacional, confundido acontecimentos imprevisíveis com supostas combinações lavradas nos bastidores, poderia prever e remediar as decisões do Destino.

Mercê da clarividência sobre-humana que tão bem demonstram nas gazetas, após os factos consumados, é claro, estamos certos da brilhante influência dos seus conselhos e pareceres junto do empresário e do delegado da Direcção Geral. Há que ver, porém, uma coisa. Não basta mergulhar um cavalo marinho no tinteiro e traçar anátemas no papel, para compreender os sucessos e analisá-los com justiça e consciência. Assim:

O público de Lisboa conseguiu tomar ascendente considerável sobre os pugilistas, arbitros e demais pessoas que desempenham funções nos espectáculos. A um cavalheiro ouvimos nós exigir explicações do locutor e do cronometrista pela decisão do arbitro! Não sabemos porque

não se lembrou de as pedir á estátua do Marquês de Pombal...

O facto é que esse público não suporta que lhe retirem o prazer completo de um *knockout*, ainda que tal desfêcho seja desnecessário e supérfluo. Pelo contrário, se o favorito é muí justamente considerado vencido, mal vai ao arbitro, que sofre do insulto até á agressão. Para tais espectadores, o pugilismo não é um desporto nem um factor educativo, antes um caldo de cultura, onde medram impulsos irreflectidos e inferiores.

Ao nosso lado, uma espectadora, chela de peles e algumas jóias, passou a noite a gritar: «dá-lhe no ouvido!» — e outras «amabilidades» impróprias do sexo e da decência. E edificante!

Esta mesma horda de protestantes, que recebeu a decisão do combate França-Bautista com intimo agrado, embora fosse um erro monumental e flagrante, rolou em vaga sobre a pessoa do arbitro que parou o combate Sousa-Larzen no momento em que um dos dois homens estava claramente vencido. Há, na passividade de uma das atitudes e na ferocidade da outra, o retrato fiel do que é o dilettante do boxe em Portugal.

O combate de fundo, sob a arbitragem de Rodolfo Pereira, opunha Jorge Larzen (66 kg.) a Augusto de Sousa (mesmo peso). No primeiro assalto, Sousa jogou muito aberto e permitiu que o adversário o atingisse com alguns golpes da esquerda e da direita. Procurando o corpo-a-corpo, Sousa pretendeu retomar a direcção do combate, mas a troca de golpes foi pouco lúida e não o favoreceu. Durante uma manobra, junto das cordas, Sousa caiu no sobrado, por falta de equilíbrio, e o assalto terminou com a vantagem de Larzen (20 a 16 pontos).

No segundo assalto, logo de início, Sousa tomou a ofensiva e colheu o adversário com um belo golpe no queixo, que o abalou e fez recuar pela lona fora, prestes a tombar. Larzen, claramente inferiorizado, recebeu pouco depois outro sóco, que o atirou, de bôrcó, ao chão. Levantou-se sem guarda e com o olhar turvo (disse o arbitro, que bem o podia ver...) procurando instintivamente o adversário, ao longo das cordas. Dados os sinais de inferioridade manifestados, Rodolfo Pereira suspendeu o combate e proclamou Sousa vencedor.

A decisão foi algo precipitada — mas não deixa de se justificar e corresponde aos factos presenciados. A derrota de Larzen, atirado ao solo por duas vezes, era uma questão de tempo, a menos que um pequeno milagre se desse. Quanto ao espalhafato do vencido, atribuímo-lo mais ao sub-consciente do que a frescura do seu estado físico.

A assistência protestou calorosamente e sacou sobre o arbitro tódas as culpas. O aspecto exterior do vencido contribuiu enormemente para a decisão — e não nos devemos esquecer de que é preferível suspender um combate cedo demais — do que demasiado tarde... E se isso acontecesse, o mesmo público lançaria sobre o terceiro homem toda a sua bilis, por falta de prontidão em agir.

O combate entre Guilherme Martins (61,700 kg.) e Valente Rocha (62,700 kg.) foi o melhor da noite, mas terminou pela desistência de Rocha, ao 5.º assalto.

Rocha principiou muito bem e ganhou o primeiro round por escassa diferença (20-18). No imediato, Martins alternou os

(Continua na pág. 14)

# HIPISMO

## Aspectos do VIII Concurso de Cascais

O Concurso de Cascais é, pode dizer-se, a segunda prova hípica do país, tanto no que diz respeito ao valor das provas, como ao montante dos prémios que são distribuídos anualmente e que chamam um grupo de concursistas maior de ano para ano.

Numerosa e selecta assistência, na qual predominava o elemento feminino, circundava o recinto no primeiro dia de Concurso, seguindo com particular interesse o desenrolar da luta para a posse do 1.º lugar, numa competição que juntou o bonito número de 106 concorrentes, entre os quais todos os internacionais deste ano.

A «Omnium» é sempre uma prova interessante, porque reúne todos os cavalos inscritos nas restantes, proporcionando, portanto, luta animada e quasi sempre brilhante.

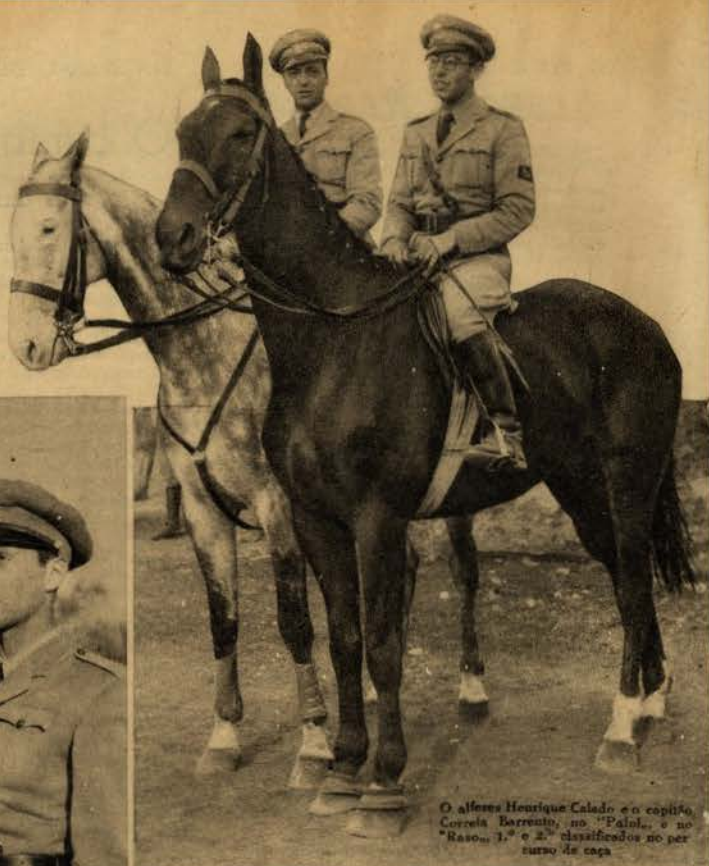
A deste ano, constituiu o justo prémio para um novo concursista que, de prova para prova, tem imposto o seu valor — o tenente Fernando Cavaleiro.

A sua vitória não foi um acaso, mas o resultado seguro de um percurso muito bem coberto, no qual Fernando Cavaleiro aproveitou ao máximo as qualidades do «Ebro», um cavalo nacional bastante regular e que nos agradou francamente.

Os doze obstáculos que constituíam a prova foram transpostos em 1 m. 5 s. e 3/5, em galope rápido e certo.

Foram inúmeros os percursos sem faltas — mas injustiça seria não mencionar alguns que, por serem brilhantes, valorizaram ainda mais a vitória do «Ebro».

Entre estes, o do «Patols», muito bem conduzido por Henrique Calado, vencedor do 2.º prémio; o do «Congo» e o do «Sado», que Reimão Nogueira montou muito bem; e o do «Adalf», que conduzido



O alferes Henrique Calado e o capitão Correla Barrento, no «Patols», e no «Raso», 1.º e 2.º classificados no percurso de caça



O tenente Cavaleiro, com o «Ebro», vencedor da prova «Omnium»

O tenente Cavaleiro num bom salto no «Magul»



O alferes Henrique Calado, no «Ebro», vencedor da prova «Omnium»

(Foto C. Moreira)

pelo capitão Barrento parece não acusar ainda o peso dos anos.

O «Raso», que era um dos favoritos, saltou bem e muito rápido, mas um derrube inutilizou-lhe a prova, colocando-o fora de prémio. Igual sorte tiveram «Loterie», «Princesa», «Alcoa» e «Magul», montados por Joviano Ramos, Morais Monteiro, Oliveira Reis e Fernando Cavaleiro.

O programa do primeiro dia abriu com a taça «Câmara Municipal de Cascais», destinada a sargentos, que J. Graça ganhou, na «Chiba», repetindo a proeza de Mafra.

No domingo, com a assistência do sr. Ministro das Finanças, disputaram-se com imenso brilho as provas que formavam o programa do segundo dia, as quais deram ao alferes Henrique Calado mais duas magníficas vitórias.

(Continua na pág. 15)

# NATAÇÃO

O festival de homenagem à Imprensa  
no qual se disputa anualmente a  
"TAÇA Stadium."



António Pala, do S. A. D., vencedor dos 55 metros livres, veteranos

piantes, em 3 m. 21 s. 2/10, depois de passar aos 100 em 1 m. 36 s. 7/10. Ana Linheiro fez uma prova regular e bem ritmada, com o permenor, sempre agradável de assinalar, de a ter feito, igualmente, em bom estilo. Deslizando bem, em «souplesse», Ana Linheiro, que aliás não sai mal das viragens, precisa, no entanto, de as executar com mais rapidez.

Anotese ainda que a gentil belenense fez muito melhor tempo que o que constituía o «record» absoluto da distância — 3 m. 48 s. 6/10 — e que pertencia à campeã nacional Maria Isabel de Jesus Costa, S. C. C., desde 25 de Julho de 1943.

Das provas propriamente do festival, há que salientar os belos tempos obtidos por alguns iniciados e principiantes, verdadeiras esperanças, que permitem olhar confiadamente o futuro da modalidade, a desmentir categoricamente toda e qualquer opinião tendente a demonstrar a estagnação ou o retrocesso da natação quanto à qualidade de nadadores.

Nuno Barreto, E. P., ganhou muito bem os 33 metros-costas iniciados, em 23 s., Armando Rodrigues, S. A. D., triunfou nos 33 metros-bruços

(Continua na pág. 16)



Ana Denis Linheiro, do Belenense, "recordwoman" dos 200 metros costas senhoras, principiantes



Es. Câmara e Sousa, A. Mendes da Silva e F. Ornelas Cleneiros, a equipa do Estoril Praia que bateu o «record» dos 3x100 estilos, principiantes

(Foto Manuel Morais)



A equipa do S. A. D. que venceu a estafeta de 5x25, disputada pelos da «velha guarda»

ESTA Idéia que Cunha Martins teve, há cinco anos, de incluir no programa federativo um festival de homenagem à Imprensa foi, sem dúvida, uma Idéia feliz, envolvida ainda num sentimento de justiça que agrada por em relêvo. Ninguém desconhece o valor da Imprensa. Poucos, porém, sabem prestar-lhe publicamente o seu reconhecimento. A Federação de Natação, «criando» o festival, mostrou uma compreensão das coisas pouco vulgar...

Extra programa, realizaram-se duas tentativas de «records», ambas coroadas do melhor êxito.

Na primeira, a equipa do Estoril-Praia, constituída por Artur Mendes Silva, Eduardo Câmara e Sousa e Fernão Ornelas Cleneiros, baixou para 3 m. 58 s. 8/10 o «record» da prova de 3x100 metros, estilos, principiantes. O valor do tempo avulta, sobretudo, quando o compararmos com a antiga marca: 4 m. 26 s. 6/10. O antigo «record» pertencia, também, ao Estoril-Praia, desde 5 de Agosto do ano passado, e havia sido alcançado, em Alhandra, por uma equipa constituída por Panacho, Black e Gil Bravo. O tempo do domingo pode, no entanto, ser melhorado na primeira oportunidade, bastando para isso a inclusão de Jeremias Simão.

Na segunda tentativa, a simpática Ana Linheiro, do Belenense, presidente e dedicada como sempre, estabeleceu o «record» de 200 metros-costas, senhoras princi-



# UM CASO DE ARBITRAGEM

O discutido árbitro CARLOS LOPES refere-se a uma crónica que publicámos, e expõe os seus pontos de vista

**A** FALTA de espaço não tem consentido a merecida referência a uma carta que recebemos do sr. Carlos Lopes, árbitro da Federação Portuguesa de Boxe, na qual debate um assunto que comentámos nestas colunas, há cerca de um mês.

Na impossibilidade de transcrever na íntegra a referida carta, aliás redigida em termos amáveis, extraímos do seu conteúdo o essencial. Vejamos a opinião do nosso contraditor:

*Porque em determinado combate um dos pugilistas desistiu, diz V. que o árbitro devia ter-se recusado a aceitar a desistência e devia contar os dez segundos.*

*Discordando de tal parecer, em face do que está regulamentado, e porque V. no n.º 81 da Stadium permite que o assunto seja ventilado, eis-me na sua presença, para esclarecimento do caso, visto que, quanto a mim, o mesmo assunto parece ter interpretações diferentes. Vou, pois, pôr primeiro o caso da desistência.*

*Diz V. que o árbitro não a deveria ter aceite. Não existe no Regulamento Português qualquer regra que obrigue, ou mesmo permita ao árbitro não aceitar a recusa à luta por parte de qualquer pugilista, antes pelo contrário, o abandono está previsto no artigo 121.º do Regulamento da Federação Portuguesa de Boxe, que diz: Todo o boxeur que abandone um combate será considerado «fora de combate», sem prejuízo da resolução da F. P. B. no caso do seu abandono não ser reconhecido válido pelo árbitro ou director de combate, com opinião médica ou sem ela.*

*Nem se compreendia que assim não fosse. Se se reconhece que um pugilista abandona sem motivo justificado, há depois sanções previstas no artigo citado, devendo o árbitro, sempre, considerar esse abandono, fazendo menção no seu boletim. Mas a desistência não a pode evitar.*

*Diz V. que o árbitro devia contar os 10 segundos, mas julgo não o dever fazer e vou dizer por quê:*

*O artigo 96.º reza assim: As decisões podem ser: 1.º vitória por knock-out (fora de combate); 2.º, vitória a pontos; 3.º, combate nulo; 4.º, não combate (no-contest).*

*O k-o (fora de combate) é pronunciado nos casos seguintes: a)-10 segundos em terra (knock-out); b)-inferioridade manifesta de um dos adversários (suspensão); c)-abandono por arremesso da esponja (abandono); d)-abandono justificado ou não (abandono); e)-falta de um adversário (desclassificação); f)-acidente de um adversário (acidente).*

*Ora em face disto, só quando nas condições da alínea a) se deve contar os dez segundos, e a reforçar esta opinião está o artigo 110.º, que transcrevo na parte que interessa: Quando um dos adversários vai à terra por efeito de um golpe recebido (se se dá uma queda acidentalmente, deve levantar-se imediatamente) o árbitro ou director de combate contará imediatamente em voz alta de 1 a 10 segundos, com cadência de 1 segundo, que calculará aproximadamente, e de maneira que seja ouvido pelo boxeur caído.*

*O regulamento define ainda o «homem em terra» no artigo 109, assim: Um homem é considerado em terra quando uma parte do seu corpo, além dos pés, toque o sólo, ou quando fique suspenso nas cordas sem forças.*

*Houve, como se lê, cuidado na definição. É que o legislador considera «suspensão temporária» o combate quando um homem está nas condições do artigo 109.º e por isso o árbitro cronometra esse espaço de tempo contando os 10 segundos, e só nessas condições, porque nas restantes do artigo 96.º a luta acaba e então não há tempo a levar em conta. E veja V. o lado prático do assunto.*

*Suponha a paragem pelo árbitro de um combate por manifesta inferioridade ou ainda por arremesso de esponja (também permitido pelo artigo 112.º), falta de um adversário, acidente, abandono, e depois do facto consumado, a «figura» do árbitro, no meio do ring, e contar 10 segundos...*

*O árbitro, no seu boletim, para dar cumprimento ao regulamentado, julgo suficiente citar a alínea do artigo 96.º, correspondente à forma como terminou o combate.*

*Assim se expressa o sr. Carlos Lopes e, antes de mais nada, louvemos a oportunidade que surge de julgar um assunto sobre o qual é tempo de firmar doutrina e que, analisado à luz exclusivista do Regulamento da F. P. B., não pode ser resolvido satisfatoriamente.*

*Diz o signatário da carta, em síntese:*

*1.º—que o abandono é um caso previsto e regulamentado que nenhum árbitro pode recusar-se a aceitar; 2.º, que no caso de desistência não devem ser contados os 10 segundos; 3.º, que só na hipótese de homem em terra se contam os segundos, porque, nas restantes, a luta finda e não há tempo a levar em conta; 4.º, que o legislador considerou o combate suspenso temporariamente durante o intervalo que dura a contagem.*

*Fiquemo-nos por aqui e respondamos por partes.*

*Em primeiro lugar, não subordinamos os nossos pontos de vista rigorosamente à letra dos regulamentos, mas à sua índole e finalidade moralizadora. Principalmente quando as leis desportivas se achem veletudinárias e arcaicas, ou não prevejam certos casos especiais, pois tornar-se-iam, nessa hipótese, valhaçolto de poucas vergonhas...*

*O artigo 121.º do Regulamento da F. P. B., transcrito pelo sr. Carlos Lopes diz: no caso de seu abandono não ser reconhecido pelo árbitro, etc. Isto significa que a desistência pode ser aprovada ou não pelo terceiro homem, ou, em linguagem abreviada, que o árbitro pode, ou não, aceitar o abandono do jogador.*

*O que entendemos nós que significa o termo reconhecido (ou aceite) nestas circunstâncias? Resposta: que haja motivo, fundamento, razão de ser para o abandono.*

*O tal árbitro não inquiriu do jogador as razões da sua desistência, não procurou a opinião do médico—nada fez, em resumo, para satisfazer aquela determinação do artigo 121.º, em que se fala de reconhecimento da atitude do pugilista. E' caso para dizer, até, que o terceiro homem teve conhecimento mas não reconheceu a desistência.*

*Há, pois, um equívoco de palavras na objecção que nos faz o sr. Carlos Lopes, visto que não se podia descobrir na nossa proposta a intenção de recusar ao jogador o direito à desistência—mas o dever do árbitro indagar, perguntar, averiguar, etc.,*

a mesma, para aceitá-la ou não, conforme as circunstâncias. O que não fez...

Vamos ao 2.º ponto. Entendemos que, no caso do abandono não ser aceite por falta de fundamento, o árbitro deve considerar o pugilista em condições de fraude—e pô-la em evidência.

Reconhecendo, embora, que uma vez por outra o jogador possa sofrer de qualquer dor absolutamente subjectiva, incapaz de ser revelada pelo médico, achamos necessário todo o rigor para reduzir as simulações fraudulentas.

Todo o jogador que desiste sem causa seria merecedor castigo exemplar. Aquelas sanções, applicadas mais tarde, a que o artigo 121.º vagamente alude, não bastam. A bem do desporto e da dignidade profissional, o jogador deve ser publicamente exautorado pelo árbitro, no lugar e no momento, pela sua falta de brio. Só o árbitro pôde executar essa missão disciplinadora, por ser a única pessoa competente dentro do recinto da luta.

A maneira mais objectiva e inofensível de mostrar publicamente que o jogador fez «batotas» é contar os dez segundos. A ninguém restará dúvidas, depois do acto, que houve fraude.

Há semelhança grande entre o procedimento do pugilista que vai à terra voluntariamente, sem ter recebido golpe capaz, e simula o knock-out, e o do jogador que desiste sem motivo. Um finge um colapso; o outro imita uma inferioridade física.

Ora o artigo 120.º manda o árbitro contar os dez segundos sobre o primeiro embusteiro. A nossa opinião é de que o faça também sobre o segundo. O sr. Carlos Lopes não concorda? Anotamos o seu parecer—mas supomo-nos no bom caminho.

Passemos ao 3.º ponto: Não é verdade que só se contém os segundos sobre o homem em terra. Diz o artigo 119.º do Regulamento que, no caso de um pugilista tombar fora do recinto ou for ferido acidentalmente, o árbitro deve proceder «como se se tratasse de um homem no solo». Para evitar quaisquer confusões, a redacção esclarece bem a circunstância: como se se tratasse de um homem em terra... Prevê, pois, que o homem esteja de pé, mas ordena a contagem dos dez segundos... Há, pois, outra situação além da que o sr. Carlos Lopes menciona como única.

Finalmente, o combate não se considera suspenso, nem interrompido, durante a queda de um pugilista. As quedas são incidentes próprios do jogo, que não obrigam o cronometrista a descontar tempo. Outros, marcavam o final dos assaltos e, por isso, havia um muito curtos e outros que duravam meia hora! O árbitro não conta, portanto, o tempo por causa da suspensão—mas porque o jogador tem dez segundos para evitar a derrota.

(Continua no pág. seguinte)

## A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

Os seus projectos e a sua obra — Um apêlo aos antigos alunos

**F**ALAMOS, há semanas, da Associação Académica de Coimbra — e de aquilo que a sua obra podia ganhar em amplitude, se a Associação fosse auxiliada por todos os estudantes que passaram pelas escolas da antiga cidade universitária. Quem alguma vez estudou em Coimbra não esquece facilmente essa época. A cidade, o ambiente de camaradagem que nele se vive durante qualquer período escolar, ficam para toda a vida. A Associação Académica é que nem sempre é lembrada pela forma que mais pode contribuir eficazmente para a sua existência e desenvolvimento — o pagamento da quota de filiação. E era, no entanto, fácil, porque a quota é pequena.

Depois de nós, falou a «República», nosso prezado colega, no seu número de 24 do mês findo, dizendo, com oportunidade, que se fazia eco do apêlo dirigido pela nova direcção da Associação Académica, a que preside um espírito de grande iniciativa — Manuel José dos Reis Boto. O apêlo é dirigido a todos os antigos estudantes, aqueles que acabaram seus cursos e que são médicos, advogados, engenheiros, professores, oficiais do exército — e aos outros, aos que, sem conclusão de cursos, não deixam de recordar com saúde o tempo passado em Coimbra, alguns lembrando talvez os serviços que devem à existência da Associação Académica. Se todos acudissem a este apêlo, num momento em que parece ser grande a crise financeira na velha Associação escolar, a Académica seria a mais formidável organização cultural, desportiva e social portuguesa.

Mesmo assim, não deixa a Académica de se apear trechar para o melhor desempenho da sua função Segundo contou, no seu número de 29 do mês findo o «Diário Popular», também nosso estimado colega da imprensa diária da capital, a Associação Académica de Coimbra organizou um Conselho Técnico de Futebol e vai contratar um treinador inglês para as equipas, tendo começado as suas diligências, nesse sentido, junto da Embaixada Inglesa. Compõem aquêle Conselho Técnico os srs. Manuel Velloso, oficial do exército, antigo jogador do Benfica, do Belenenses e da Académica; dr. Guedes Pinto, também antigo jogador da Académica; e tenente Carlos Faustino da Silva, ainda mediodente do «onze» de honra na última temporada. Os treinos de futebol vão ser dirigidos por este conselho com a cooperação de um professor de ginástica.

A Académica procura, pois, dar melhor preparação às suas equipas de futebol e não descarta a prática e representação noutros desportos. Precisa, porém, de firmar a sua acção e proseguir e desenvolver a sua longa obra cultural, desportiva e social em situação que não obrigue a grandes preocupações.

Tem de vencer a crise. Sem dinheiro não se pode fazer nada de útil. Em seu auxílio devem vir os antigos alunos, todos aqueles que alguma vez estudaram em Coimbra. É dever de todos os antigos alunos auxiliar a obra — para os novos. As gerações do passado tem de auxiliar a preparação das gerações do futuro!

# CAVALOS & CAVALEIROS

## II — Preparação do potro para alta escola ou toureiro

**FALOU-SE** no artigo de abertura (1) da criação do potro na campina, junto da mãe, desde o nascimento à idade do desmame; e nesse capítulo deram-se as indicações necessárias no respeitante a pastos, natureza de terrenos onde o animal devia ser criado se se queria utilizá-lo para sela ou tiro, etc. Vamos entrar agora noutro capítulo, de primordial importância: a preparação dos potros.

Depois do que ficou indicado na primeira crónica, importa dar a conhecer os pormenores da preparação dos animais para cavalos de sela, género escolhido de preferência neste estudo simples e quanto possível sintético. Na verdade, o assunto é por demais vasto e não pode tratar-se numa só crónica.

Por isso o dividimos em duas partes: conhecimento de características, desbaste e ensino preliminar para alta escola ou toureiro (a desenvolver neste artigo), adaptação a montada e contacto com o redondel e o touro, na sequência do estudo apresentado.

Antes de mais nada é necessário conhecer as características principais do animal — que se diferenciam enormemente de uns para outros e quasi nunca são comuns na manada — trabalho chamado em geral de *apuntes*, que vem a ser a recolha do gado e sua escolha ou diferenciação. Verificadas assim as suas tendências naturais, posto que o «apunte» serve para isso mesmo, e reconhecendo-se a característica do potro para alta escola ou toureiro, dá-se então começo aos trabalhos de ensino. A notar que as tendências do cavalo de alta escola ou toureiro são em tudo diferentes daquelas que servirão para corridas simples e com obstáculos, assim como o animal de sela apresenta certas características e o de tiro outras.

Cada uma daquelas modalidades — trata-se no presente artigo, lembramos,

do ensino para alta escola ou toureiro — exige preparação cuidada e segundo um sistema único, para o qual nem todo o criador está habilitado. É que o ensino requiere paciência e perseverança — tanto assim que é o mais demorado e leva às vezes dois e três anos, ou mais, primeiro que o animal «dê» quanto se pretende. Um cavalo de alta escola ou de toureiro — ou as duas coisas juntas, que será então o ideal... — precisa de preparação cautelosa e o trabalho é, na generalidade, fatigante: tanto para quem ensina como para o próprio animal. São coisas que levam muito tempo e não se fazem com a facilidade que muita gente supõe.

As características do animal para toureiro ou alta escola são perfeitamente idênticas. Vejamos quais são as principais: — *concentração, mão limpa, casco forte, neurose* (não em demasia) e bom pé (ou seja: velocidade própria do animal, demonstrada em pequenos galopes na campina, e rapidez no *quartelo*, de igual modo natural e nunca forçado). A «concentração» é uma coisa que nasce no potro e não se lhe ensina; mas a «mão limpa» e o «casco forte» são já produto dos cuidados que se tiveram na época da criação (desde o aleitamento ao desmame) e a consequência directa das qualidades de pastos e natureza dos terrenos onde o animal se criou, pormenores que o lavrador deve sempre ter em atenção e nunca esquecer.

Uma vez verificadas aquelas características, mais ou menos acentuadas, entra-se no capítulo do *desbaste*. Este deve ser feito sempre em recinto redondo — e nunca quadrangular — afim de habituar a vista do animal ao redondel. Quere dizer: é desde potro que o cavalo deve saber o que é uma arena e um touro, para estar à vontade e conhecer o inimigo, quando se queira animal para toureiro. Mas mesmo que seja só para alta escola, também é conveniente habituá-lo ao redondel. Parece um pormenor insignificante, este, mas tem muitíssima importância no futuro de qualquer animal. A seu tempo diremos por quê.

Após o «desbaste» natural e quando o animal esteja bem «enquadrado» nesta sua primeira fase do ensino, então habitua-se ao *estafermo* (a que o vulgo chama, imprópriamente, «boneco») mas que está hoje quasi por completo banido dos picadeiros. Voltemos, porém, um pouco atrás, para uma indicação que não deve esquecer-se: o «desbaste» do potro para alta escola ou toureiro deve ser sempre feito com *rendilhão* (rêdea comprida de voltelo ou de pista) visto ser pouco aconselhável, e até prejudicial, que o desbastador empregue no seu trabalho o chicote; deve, ao contrário, utilizar o pingalim de curso longo. E pôsto isto, continuemos onde estávamos: hábito do animal ao «estafermo», que serve não sómente de indicação segura ao picador sobre a crença natural do animal, como ainda para lhe «marcar» as intenções e respectivas reacções, próprias do enervamento do animal ao vêr pela primeira vez um aparelho desconhecido.

Convém, neste capítulo, focar uma nota de suma importância e a que não se tem dado o valor que ela realmente encerra. Referimo-nos à colocação do aparelho no animal, de preferência uma sela «portuguesa», dadas as suas condições mais perfeitas de adaptação e ensino.

A sela deve colocar-se de principio no chão e à frente do animal — para que ele se familiarize com o objecto desconhecido até aí. Reconheça-se a importância deste simples pormenor, sabido que se trata de um potro que vai começar a aprendizagem. E quando se coloque pela primeira vez o aparelho no dorso do animal haja sempre o cuidado de não o fazer de subito — mas sim com extrema cautela e acariciando-o, para não o assustar logo de entrada. Nunca se deve, portanto, pôr a sela de chofre nem «de caras» (quere dizer: de diante para trás), porque isso amedrontaria imediatamente o animal e «encrenava-o», prejudicando todo o trabalho, talvez até para o futuro. A sela deverá colocar-se com cautela e usando de todas as precauções e estratagemas, sempre da recatuarda para a frente, sendo até aconselhável, quando se está a pô-la no animal, entretê-lo com quaisquer guloseimas — pois não pode esquecer-se que um potro não passa de uma criança... sem raciocínio.

Só depois de habituado o animal à sela é que se entra no trabalho do *enclhamento*. Isso far-se-á mais tarde e do mesmo modo com as precauções usadas antes. Porque — compreende-se perfeitamente — não deve «encilhar-se» a seguir à primeira colocação do «estafermo» (é preciso criar o hábito do aparelho, primeiramente), logo que a tendência natural e imediata seria a de sacudir a sarga.

## XADREZ

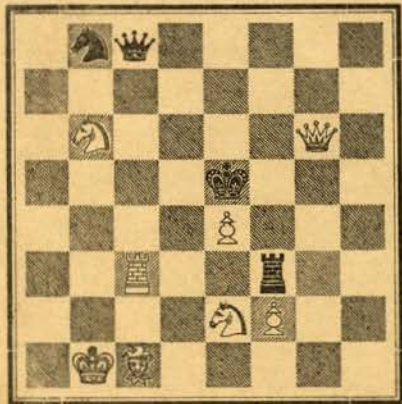
Direcção de Vasco C. Santos e J. Casimiro Vinagre

Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa redacção com a referência «Xadrez».

PROBLEMA N.º 15

MAGYAR SAK, 975

F. FLEK



1.º PRÉMIO

Mate em 2 lances

## NOTAS SOLTAS

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE XADREZ tomou resolução de prestar todo o seu apoio às negociações entabuladas com a sua congénere do país vizinho, por iniciativa de Francisco Lapi e das Sociedades de Propaganda de Portugal e da Costa do Sol, com o objectivo de se realizar o ambicionado encontro Portugal-Espanha. Admite-se a vinda, em Março próximo, de uma forte equipa espanhola, que defrontará, provavelmente, o Casino Estoril, a selecção de xadrezistas nacionais, pelo que se prevê a realização, por todo o ano, de grandes torneios preparatórios e treinos intensíssimos. — O movimento do xadrez desportivo e recreativo em Espanha não pára. Além de importantes concursos de em posição e resolução de Problemas e Finais, têm-se efectuado continuamente notáveis competições, como por exemplo o recente Campeonato Nacional, disputado no Casino de Madrid, e que foi ganho por Medina, e o

«match» extra-oficial Alekine-Rey Ardid, que forneceu o difícil triunfo para o campeão do Mundo, por 2,8 a 1,8 (1 vitória e 3 empates).

— A Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, que tão notáveis êxitos tem obtido em diversas modalidades desportivas, fez disputar este ano o seu Campeonato de Xadrez, que decorreu com certa regularidade e entusiasmo promissor. Helder Sardinha, um «novo», que cedo começou a evidenciar-se, com excelente intuição, classificou-se merecidamente em primeiro lugar. A. Serra, um dos «favoritos», J. Carneiro e J. M. Seguro classificaram-se nos postos imediatos.

— Disputou-se o Torneio Principal do Pôrto, prova patrocinada pela F. P. X., em colaboração com o grupo local. A vitória pertenceu a Leonel Pias, seguido de João Mário Ribeiro, o jovem Mestre português, e de Alexandre Gonçalves. Decididamente, a Abertura revelou-se como a principal arma do vencedor, pois o ascendente que obteve sobre os outros competidores — os melhores nortenhos — atesta bem a esplêndida preparação com que se dotou. Eis como Leonel Pias resolveu o problema desse complexo capítulo de Partida, no seu jogo contra Alexandre Gonçalves:

Branças: A. Gonçalves. Pretas: L. Pias  
P. D. — Sistema Catalão

1.d4, Cf6; 2.c4,e6; 3.g3, e5; 4.d5, exd; 5.exd, b6; 6.Bg2, Bb7; 7.Cc3, d6; 8.Cf4, Cd7; 9.0-0, Be7; 10.e4, 0-0; 11.b5, Bb8; 12.Te1, Cg4; 13.Bb2, Ce5; 14.Cxe5, Cxe5; 15.Te5, Bf6! Daqui por diante, as brancas limitam-se a explorar a vantagem posicional recém-adquirida, chamando a si a decisão favorável da pugna.

## Um caso de arbitragem

(Continuação da pág. anterior)

O lado prático e ridículo do problema, a que alude o nosso correspondente, é muito discutível. Ora se o terceiro homem deve contar até 10 sobre um dissimulador deitado (e não se ridiculariza), por que não o fará sobre outro de pé? É tudo convencional, não achá?

Livrem-se, porém, os árbitros de outras situações menos fáceis — que destas se soltarão facilmente.

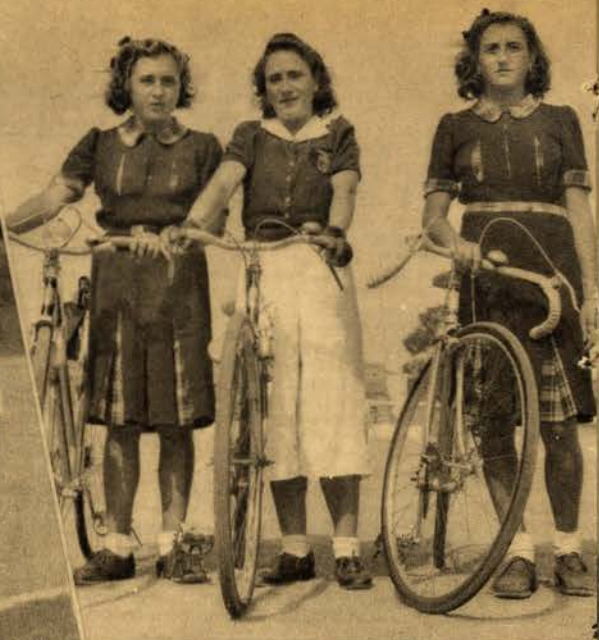
Quanto à manifesta inferioridade e falta de um adversário, são circunstâncias que obrigam o árbitro a decidir acto-contínuo, sem outra qualquer formalidade. O lançamento da esponja, quando não se justifique, está nas condições da desistência sem fundamento.

Julgamos ter satisfeito, um por um, os pontos sobre os quais o sr. Carlos Lopes tinha razões a objectar, e bem assim, provado que estamos na boa doutrina.

RAFAEL BARRADAS

(3) Ver n.º 68 e 74 da «Estadim».

# Ciclismo no Lumiar o festival da ASSOCIAÇÃO do SUL



O festival promovido pela Associação de Ciclismo de Lisboa, na pista do Estádio do Lumiar, esteve muito longe de constituir qualquer êxito — de organização, disputa ou propaganda. Tudo deixou a desejar, no domingo: nem afluência de público, nem afluência de corredores, nem provas que despertassem entusiasmo. Poucas inscrições, muita falta de comparecimento — e um programa que se estirava durante cerca de seis horas. Com a preocupação de se fazer muitas corridas, a Associação organizadora promoveu um festival que decorreu com monotonia.

Descendo a pormenores, em cada um dos aspectos fixados nesta síntese, temos que o público era de facto pouco, embora o Estádio do Lumiar, pela sua amplitude, dê por vezes a impressão de conter menos gente. Os clubes apareceram em pequeno número e com equipas reduzidas. O Sporting, por exemplo, teve apenas um corredor e três senhoras na pista, não obstante o festival se efectuar no seu campo de jogos, que é como quem diz na sua pista de ciclismo. A um programa fraco e longo, só-

mente com a virtude de fugir ao ramerrão da temporada, os clubes não corresponderam com interesse. Nem clubes nem corredores. E mais os clubes do que os atletas, porque as responsabilidades são diferentes.

Há sem dúvida a desculpa da quebra de sequência, quanto ao festival que deve ser o da despedida deste ano. Passaram-se algumas semanas sem corridas. O público gosta de ciclismo, mas, assim, desabitua-se... Perde o contacto — com o melo e com os ídolos, de pista ou de estrada. Sem provas seguidas, os organizadores esquecem-se das preferências, das simpatias do público, e não escolhem bem as características e a extensão das provas que são do seu agrado franco. E, para tornar o quadro pior, os clubes não aparecem e não se esmeram na constituição das equipas. No domingo, houve vários motivos de aborrecimento — por falta de luta.

De tal modo se agravou a ausência de corredores e clubes que duas corridas de equipas foram disputadas entre uma turma completa e outra mista, numa prova com três corredores de cada clube, noutra com dois de



(Continua na pág. 15)

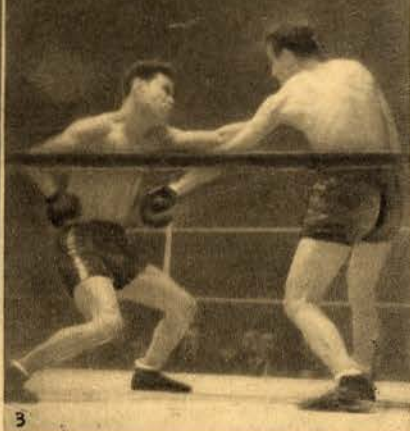
1 — Fase das 100 voltas para independentes; 2 — As três melhores classificadas nas provas de senhoras; 3 — Os jovens ciclistas do Sangalhos que triunfaram na meia hora à americana para iniciados; 4 — A equipa do Benfica vencedora da prova de regularidade; 5 — Os concorrentes guardam um minuto de silêncio pela morte de Alberto Rangel.

# A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



**VELA** — O campeonato nacional de «stars»: 1 — O barco vencedor, tripulado por Jorge Shadler; 2 — A largada. No campeonato nacional de «vouças»: 3 — Aprestando-se para a partida; 4 — O vencedor da 1.ª regata

(fotos Nunes de Almeida)



## BOXE NO P. MAYER

1 — Larzen, muito abalado, cai nos braços de Sousa... 2 — Guilherme Martins acerta um *hook* no queixo de Rocha. 3 — Fase do combate Sousa II-Alberto Afonso

(fotos Nunes de Almeida)

## CAMPISMO

Dois curiosos aspectos colhidos no acampamento do Clube A. Campo de Ourique, a que fazemos referência no outro lugar.



**CHAVES** de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roube-vam-lhas? — mande fazer outras na

**CASA DAS CHAVES**  
Amadeu Gomes da Fonseca

RUA DA MOURARIA, 3  
(Frente ao Cinema) • Telef. 28050



# 14 TITULOS E 8 «RECORDS»

para o SPORT LISBOA E BENFICA

nos campeonatos regionais de corridas em patins

AINDA não foi agora que o «reinado» da Benfica — no que respecta a corridas em patins — conseguiu ser interrompido! Os patinadores de outros clubes e especialmente os de Cascais, portaram-se muitíssimo bem nos campeonatos regionais do sul — mas os benfiquenses foram, mais uma vez, superiores, conquistando todos os títulos dos «seniores» e principiantes — à excepção dos 5.000 metros (s.), ganhos pelo «acelista» Augusto Ricardo, o único corredor que não se enervou e foi até o fim da prova.

Naquela corrida, bem disputada até à 48.ª volta, houve realmente muita precipitação: dos fiscais, de um sector da assistência e, até, de alguns concorrentes. Só Ricardo prosseguiu — e veio, como compensação da disciplina demonstrada, a ser o único classificado.

Anotem-se os nomes dos corredores que obtiveram classificações de honra, na categoria de «seniores»:

500 metros — 1.º Ventura Ferreira (Benf.), 39 s. 2/10 (novo «record»; o anterior pertencia a Miguéis e estava em 40 s. 4/10); 2.º «ex-aequo»: Leonel Costa (Benf.) e L. Príncipe (Cas.).  
 500 metros — 1.º Ventura Ferreira (Benf.), 1 m. 6 s. 4/10 (novo «record»; o anterior pertencia a Miguéis e estava em 1 m. 6 s. 7/10); 2.º «ex-aequo»: L. Príncipe (Cas.) e Rogério Miguéis (Benf.).  
 1000 metros — 1.º Leonel Costa (Benf.), 2 m. 17 s. 2/10; 2.º Rogério Miguéis (Benf.); 3.º L. Príncipe (Cas.).  
 1500 metros — 1.º Ventura Ferreira (Benf.), 1 m. 52 s. 2/10; 2.º Jorge Ramos (Cas.); 3.º Rogério Miguéis (Benf.).  
 5000 metros — 1.º e único, Augusto Ricardo (Atl.), 14 m. 57 s. 4/10.  
 3x200 metros — 1.º Benfica (Leonel, Miguéis e Ventura), 1 m. 19 s. 7/10; 2.º Lissás; 3.º Cascais.  
 3x500 metros — 1.º Benfica (Leonel, Miguéis e Ventura), 3 m. 22 s. 2/10; 2.º Cascais; 3.º Lissás.  
 3x1000 metros — 1.º Benfica (Leonel, Miguéis e Ventura), 6 m. 53 s. 9/10; 2.º Cascais; 3.º Lissás.  
 «Americana» (15 minutos) — 1.º Benfica; Leonel, Miguéis e Ventura), 6.600 metros; 2.º Cascais, 6.550 metros; 3.º Ateneu, 5.975 metros.

Por esta lista pode inferir-se da superioridade dos representantes da Benfica. Pontuação:

	Benfica	Cascais	Lissás	Ateneu
300 m. —	10,5	4,5	*	*
500 m. —	10,5	4,5	*	*
1.000 m. —	9	6	*	*
1.500 m. —	8	5	*	2
3.000 m. —	5	3	4	5
3x200 m. —	5	4	3	2
3x500 m. —	5	4	3	2
3x1000 m. —	5	4	3	3
«Americana» —	6	4	3	3
	60	35	10	15

No que diz respeito às provas de principiantes — campeonato disputado pela primeira vez — registaram-se, nos lugares de honra, os resultados seguintes:

500 metros — 1.º Abílio Reya (Benf.), 40 s. 9/10; 2.º Eduardo Faria (Benf.); 3.º Joaquim Oliveira (Benf.).  
 500 metros — 1.º Abílio Reya (Benf.), 1 m. 5 s. 2/10.  
 1.000 metros — 1.º Abílio Reya (Benf.), 2 m. 14 s. 2/10; 2.º Joaquim Oliveira (Benf.).  
 3x100 metros — 1.º Benfica (Faria, Oliveira e Reya), 1 m. 19 s. 1/10; 2.º Cascais; 3.º Académica.  
 3x200 metros — 1.º Benfica (Faria, Oliveira e Reya), 3 m. 29 s. 8/10; 2.º Académica; 3.º Benfica.

\*Americana» (5 minutos) — 1.º Benfica (Faria, Oliveira e Reya), 2.200 metros; 2.º Benfica-B, 2.100 metros; 3.º Académica, 2.075 metros.

Como reflexo, a diferença de pontuação foi também maior que a verificada em «seniores». Veja-se:

	Benfica	Cascais	Académica
300 m. —	15,5	4	1,5
500 m. —	12	3	*
1.000 m. —	12	3	*
3x200 m. —	7	4	3
3x500 m. —	8	4	4
Americana» —	6	3	5
	61,5	18	11,5

Há seis «acontecimentos» de importância a assinalar nestes campeonatos: 1.º, a circunstância de ter sido o Benfica o vencedor de todas as provas (menos de uma: 5000 metros, «seniores») nos dois torneios, ou sejam catorze títulos ganhos; 2.º, a queda de dois «records» nacionais (Ventura Ferreira, 300 metros e 500 metros, na primeira corrida com mais três concorrentes a fazerem melhor «tempo» que o «mínimo» anterior); 3.º, o estabelecimento dos «records» de principiantes, dois de 500 metros e 3x200 metros melhores que os da categoria superior; 4.º, o triunfo absoluto do principiante Abílio Reya — está aqui um campeão! — verdadeira revelação dos campeonatos; 5.º, a brilhantíssima réplica do Cascais, em «seniores», por intermédio, principalmente, de Príncipe (2.º lugar em 300 — com Leonel; 500 — com Miguéis; 3x500, 3x1000 metros e «americana» e Jorge Ramos (2.º em 1500 metros e nas mesmas provas de equipa, com Príncipe e José Higino), os quais supriram muitíssimo bem a ausência do campeão Santos Machado e de Alvaro Reis; e 6.º e último, a evidente baixa de forma de Rogério Miguéis, que em 1943 fora a figura de primeiro plano, ganhando todos os títulos, como sucedeu agora com Abílio Reya.

J. M.

# BOXE NO PARQUE MAYER

(Continuação da pág. 7)

seus golpes, atingindo a cara e os flancos, dominou (20-16) e travou a acção contrária no corpo-a-corpo. No terceiro, Rocha é golpeado, de entrada, na cara, constantemente, e não consegue evitar os ataques de Martins. Quasi no final, reage e responde com facilidade e dureza, equilibrando, quasi, a pontuação (20-19). No 4.º round, o melhor de todos, os dois homens não se pouparam e trabalharam com vigor, esgrimindo muito bem. Martins venceu o assalto por escassa diferença (20-18).

No assalto seguinte, Rocha, que tem sido frequentemente socado na cara, mostra sinais de sofrimento e desiste, com uma das mãos fracturadas.

O encontro entre Alfredo de Oliveira (62 kg.) e Jack Freitas (61 kg.) findou por um empate, mas a decisão, por pontos, merecia a o segundo nomeado.

Oliveira, com esplendidas condições físicas, combateu sem ordem nem método, exibindo fraca esgrima e poder. Freitas foi mais sóbrio e produtivo, ainda que menos exuberante durante os seis assaltos.

Antonio Mateus (59,800 kg.) e Eduardo Alves (58,500 kg.) fizeram um combate sem brilho nem ocasiões de emoção. Alves, cuja «arma secreta» são caretas e expressões de tédio, não aplicou nenhuma das suas directas e passou os oito assaltos em poses e atitudes plásticas aborrecidas. Mateus movimentou-se e aplicou maior soma de golpes, obtendo a decisão por pontos.

Como preliminar, o irmão de Augusto de Sousa, denominado Sousa II (56,300 kg.), derrotou Alberto Afonso (56 kg.) em 5 assaltos, por pontos, demonstrando alguma habilidade e «secura de golpe». Foi este, talvez, o combate da noite que decorreu com maior regularidade e interesse até final.

# HIPISMO

(Continuação da pág. 8)

A primeira, «Direcção Geral dos Serviços Pecuaríos, destinada unicamente a cavalos nacionais, reuniu 44 concorrentes, constituíram-na 12 obstáculos à altura máxima de 1,700, com «handicaps».

O resultado decidiu-o o último concorrente, o alferes Calado, no «Unico» com o magnífico tempo de 37 s., batendo «Havestia», com o alferes Rosa; «Castanho», com Guedes de Campos; e «Zefante», com Castro Pereira — que alcançaram, por esta ordem, os lugares imediatos.

A segunda prova, «Sociedade de Propaganda da Costa do Sol», feita em percurso de caça, isto é, com as faltas transformadas em tempo, proporcionou luta muito animada. A competição tornou-se difícil depois de uma esplêndida prova de «Bonita», montada pelo major Domingos Coutinho (Marquês do Funchal), que transpôs os 12 obstáculos em 1 m. 6 s. e 3/5. Depois, a luta travou-se em velocidade, até que o «Raso», com o capitão Barrento, passou para a frente da classificação, depois de uma prova na qual cavalo e cavaleiro foram superiores. Parecia difícil bater o tempo alcançado — 1 m. 3 s. e 2/5 — e houve de facto dificuldade em conseguir-lo.

Bater o «Raso», só o «Paiol»! — dizia-se na assistência. E só o «Paiol» o bateu, apenas por um segundo, ganhando magnificamente a prova...

É justo salientar, entre os melhores, o «Sado», que montado por Reimão Nogueira ficou 3.º da classificação, e ainda «Abrantão», com Miranda Dias, e «Magui», conduzido por Fernando Cavaleiro, que terminou a prova com um derrube e que a «limpar» teria tempo igual ao vencedor.

Antes Teixeira

# CICLISMO

(Continuação da pág. 12)

um clube. E houve uma competição de iniciados em que o Sangalhos correu com um só corredor, contra equipas de dois. O mais curioso é que a vitória coube ao Sangalhos, o que serve para dar ideia do valor do rapaz que apareceu. O Sangalhos foi mesmo o clube que mais se distinguia em todo o festival.

Em mais de uma corrida notou-se falta de tática, por parte de muitos corredores. Notou-se, mais de uma vez, sem a noção exacta do que havia a fazer. Como exemplo flagrante, apontamos o que sucedeu na «italiana» para amadores. O Lissás correu com uma equipa completa. Quando o primeiro ciclista se atrasou, andava atrasado o terceiro corredor da equipa meta. Foi houve um concorrente de Lissás que deixou «calar» o adversário e o levou a ultrapassar o «fímio» do seu clube, provocando assim a respectiva eliminação.

Certa e oportuna, em toda a tarde, ficou a impressão do minuto de silêncio, à memória de Alberto Raposo, falecido na madrugada de domingo, em plena ocasião. Quasi todos os corredores se apresentaram na «pelouse» e todo o público se erigiu comovido.

Para fechar esta rápida crónica de impressões juntamos a lista dos vencedores apurados em todas as provas: Veteranos — José da Conceição Rodrigues (Lusitano). Estafetas (Iniciados) — Sangalhos (com um só corredor, Manuel dos Santos Gonçalves).

Perseguição (Amadores) — Equipa mista (Jorge Carvalho, João Rocha e Manuel Espadilha).

Senhores — Natália Cunha (S. C. P.).

Italiana (Independentes) — Iluminante (Eduardo Lopes, Manuel Rocha e Jorge Pereira).

Regularidade (Ciclo-tucamo) — Justino Correia (S. L. B.). Por equipas: Benfica.

Perseguição (Amadores) — Equipa mista (Jorge Carvalho, João Rocha e Manuel Espadilha). Eliminada a equipa do Lissás.

Meta hora (Americana) Iniciados — Sangalhos (Manuel Gonçalves e Jorge Parreira), 45 voltas e 12 pontos.

100 voltas (Independentes) — José Ferreira (Sangalhos), 1 h. 16 m. 01 s. 14 pontos.

MÁRIO DE OLIVEIRA

## CAFÉ TIVOLI

O café mais movimentado do PORTO

Rua Sá da Bandeira  
a dois passos da  
Estação de S. Bento

## Eléctrica do Norte

Bernardino, Simões e C.ª L.ª

Depósito de todo o material eléctrico, cabos, fios, máquinas, candeeiros, etc.

Rua Alferes Malheiro, 12-Tel. 5740  
(Próximo à estação da Trindade)  
PORTO



(Continuação da pág. 9)

para igual categoria, depois de acesa luta com Nuno Barreto. Os tempos respectivos foram: 25 s. 8/10 e 25 s. 9/10. Os 33 metros-livres, também iniciados, constituíram uma das melhores provas do programa. O futuro «As», Guilherme Patrone, S. A. D., ganhou num tempo de verdadeira classe: 18 s. 4/10.

Anotemos a sucessão dos tempos dos cinco seguintes, para darmos uma idéia da beleza e do valor da prova: 30 s. 1/10 (Chalupa); 20 s. 8/10 (Nuno Barreto); 21 s. 1/10 (A. Rodrigues); 21 s. 4/10 (Laranjo) e 21 s. 6/10 (A. Cruz).

Nos 66 metros-bruços, principiantes, o campeão regional Câmara e Sousa, E. P., ganhou bem em 54 s. 4/10, triunfando do seu companheiro de clube, Artur Mendes Silva (55 s. 9/10), que fez prova meritória, sobretudo se atendermos a que não é um especialista de «bruços», e que na sua especialidade — os 66 metros-costas — ganhou a vontade em 52 s. 7/10. Nos 66 metros-livres, para a mesma categoria, registamos a vitória do estorilense Fernando Cisneiros, no belo tempo de 44 s. 7/10.

Os júniores corriam 100 metros, também nos três estilos. Aqui, os tempos valem menos, relativamente, aos dos iniciados e dos principiantes.

Maximo Simões do Couto, S. A. D., percorrendo os primeiros 60 metros em «mariposas», triunfou nos 100 metros-bruços, em 1 m. 26 s. 3/10. O guarda-redes de «water-polo» do Alge, reúne boas qualidades para a modalidade, que bem orientadas podiam fazer dele um bom especialista de «bruços». Na prova de costas venceu o «sédista» Manuel Matias, num tempo fraco: 1 m. 29 s. 9/10.

Na prova de estilo livre, embora o tempo obtido seja vulgar, há, realmente, a assinalar o emocionante final da corrida, devido à excelente recuperação de Belmiro dos Santos, pois ficou a 1/10 de Cabral Júnior, S. A. D., que aos 66 metros virava com apreciável vantagem. Tempos: José Cabral Júnior, S. A. D., 1 m. 15 s. 1/10; Belmiro Santos, E. P., 1 m. 15 s. 2/10.

Na estafeta mista de estilos — 33x66x100 — a turma do Estoril, que logo no primeiro percurso adquiriu vantagem, ganhou por bom avanço.

Este festival da Imprensa apresenta a nota curiosa da presença dos veteranos e dos nadadores da velha guarda. Lá vimos nomes conhecidos de ontem... e de ante-ontem — mas todos ainda... em bom estado...

Uma referência especial para António Pala, o mais velho, que venceu ainda os 33 metros-bruços — e de cujos esforços e conselhos têm saído centenas, muitas centenas de nadadores.

# Acontecimentos da Semana

**ASSEMBLÉIAS GERAIS** — Reünio-se a assembléia ordinária da A. F. L., com a presença de delegados de 22 clubes e a presidência do sr. capitão Rodrigues de Sousa. Procedeu-se à eleição dos novos corpos gerentes, para 1944/45, com o resultado seguinte: Assembléia Geral — capitães Rodrigues de Sousa (Benfica) e Santos Romão (F. Benfica), Fernando Nunes (Carcaa) e dr. José Manuel Salama (d'ost.). Direcção — dr. Coelho da Fonseca (Bel.), tenente Alcino Pires (Atlét.), Armando de Sá (Benf.), Alvaro Carmo (Cuf.), Martinho de Oliveira (Spts.), Palva Faria (Est.) e Varandas Pereira (Arr.). Conselho fiscal e jurisdiccional — dr. Góis Mota (Spts.), Euclábio Moita (Bel.), dr. Dias Leite (Cuf.), Sérgio Pereira (Op.) e Jesus Santos (Dar.). Conselho Técnico — dr. Pires de Almeida (Atlét.), Gustavo Teixeira (Benf.) e Moreira Rato (P. Arcos). Foram apreciados vários assuntos de ordem geral — usando da palavra os srs. drs. Coelho da Fonseca, Barreira da Campos, capitães Rodrigues de Sousa e Ribeiro da Costa, tenente Alcino Pires, Celsa Ribeiro e Travaços Tavares — e aprovados dois votos: um de satisfação e louvor à Imprensa e outro de pesar pelo falecimento de Eduardo Pinto Basto, pioneiro do futebol português.

**FUTEBOL** — Voltaram a animar-se os campos de jôgo e de aqui a poucos dias começam os campeonatos regionais. Querêr dizer: regressa-se à actividade. Alguns clubes fizeram já «representações», mas a mais importante foi a de Viseu, no Estádio do Fontelo, em desafio que opunha o Benfica ao F. C. do Porto — dois «nomes grandes» do desporto português — para disputa da taça «Cidade de Viseu». Os campeões do Porto ganharam aos vencedores da «Taça de Portugal», por 4-5, com 3-0 ao intervalo (golos de Elias e Octaviano, os dois últimos). Na segunda parte, o Benfica reagiu e pôde ainda chegar ao empate (pontos de Brito, Espírito Santo e Rogério), mas, a cinco minutos do final, Lourenço obteve o triunfo para o «team» portuense. Como novidade a assinalar, o Benfica apresentou Moreira (ex-Barcelense) e José Luís (ex-Cuf) do Barreiro, e, no «team» do Porto, estreou-se Octaviano (ex-Académica de Coimbra).

— Em Lisboa (Salésias), defrontaram-se Belenenses e «Cuf», nas três categorias, ganhando os «ardis» em todas: 7-3 em 1.ª, 3-0 em reservas e 4-2 em 2.ª. Na partida principal — com 3-1 ao intervalo e 3-3 nos primeiros minutos do segundo tempo — os «cufistas» (ex-Unidos) sucumbiram para o final, consentindo, então, mais quatro tentos sem resposta. Marcadores: José Pedro, Armando (2), Rafael (2) e Elói (1), pelo Belenenses; Tançanho, Arnaldo e Osvaldo, os da «Cuf», que apresentou o seu novo equipamento, todo de branco, à semelhança do Sevilla. O Belenenses apresentou Acácio e Armando (ex-Académica), o estorilense Afonso Domingos — em quem os técnicos dos clubes depositam grandes esperanças, e Vasco — médio centro.

— O Sporting, que no domingo anterior fôra jogar a Sintra, com o União, ganhando por 6-0, deslocou-se

E lá estiveram, também, o Basílio, o Alfredo da Conceição, o Campanelo, o Pimenta de Araújo e bem assim o Manuel Cardoso e o Joaquim Mayer — dois rapazes muito bem conservados...

As taças ficaram assim distribuídas: «Stadium» para o Estoril Prai; «Os Ridículos» para o Belenenses; «O Século», «Os Sports» e «Diário de Notícias» para o Alge e Dafundo.

E a terminar: num festival de homenagem à Imprensa, em que há de tudo um pouco, por que não incluir, de futuro, uma prova reservada a jornalistas?...

ABREU TORRES

ajora para Vila Franca de Xira, afim de defrontar o Operário; e voltou a triunfar, por 5-0, em «golos de Peyzoto» (4) e Albano. Querêr dizer: tento o ataque, como a defesa dos sportingistas, não deixa os seus créditos por meios alheios...

— Com o União Sintrense jogou o Futebol Benfica, da II Divisão da A. F. L. Vitória dos visitados, por 3-2, com a novidade da estreia, no «team», de Lopes, ex-«keeper» do Carcevalinhos, e de Diogo (ex-Águia Vilafranquesa). Autores dos tentos: Joaquim Maria, Morais e Ibram (F. Benfica); Durvalino e Amorim (U. Sintrense).

— Outros resultados do segundo dia do futebol da nova época: Vianense-Vilavovense, 4-2, em Viana do Castelo; Sporting de Espinho-Académico, 5-3, em Espinho; Progresso-Salgueiros, 3-3, no Porto; Amora-Almada, 4-3, em Amora.

**NATAÇÃO** — No Porto, disputou-se um torneio, entre sócios do Sport, com os vencedores seguintes: Infância — Francisco de Carvalho (25 m. de bruços em 22 s.); e Juliano Gonçalves (25 m. livres em 21 s.). Principiantes — Marques da Fonseca (50 m. livres em 37 s.) e Henrique Teles (50 metros de bruços em 43 s.). Júniores — Miguel Pestana (75 m. livres em 1 m. 8 s.), José Burnay (75 m. de costas em 1 m. 6 s.) e Fernando Barbedo (75 m. de bruços em 1 m. 23 s.). Senhores — Elsa Pereira Leite (25 m. de «crawl» de frente em 1 m. 23 s.) e 50 metros de bruços em 1 m. 42 s.). Estafeta mista: António Leal, Maria de Lourdes e Marques da Fonseca, 1 m. 52 s.

**TENNIS** — Os campeonatos da Figueira da Foz foram ganhos, respectivamente, por: dr. António Pinha, (singulares-homens), drs. António e José Ratinha (pares-homens) e Nina de Vera (singulares-senhoras). Disputaram-se as taças «Ténis Clube», «Jenny Caroa» e «Prof. Möslinger».

— No Estoril, disputaram-se, com muita animação e com a assistência do sr. Ayala Belmonte, inspector de desportos, os campeonatos internacionais, de que se foram vencedores: Gabriela Cantharino (singulares-senhoras), José Trigo da Silva (singulares-homens), Manuel Silva e Trigo da Silva (pares-homens) e Gabriela Cantharino e António Botter (pares-mistos).

**VELA** — Principiou a disputar-se o campeonato nacional de «vougas», entre Pedrouços, Caxias, Cova do Vapor, Dafundo e vultu ao ponto de partida, prova que é detida com a taça «João Pedra do Sacramento» e cuja organização pertence ao Alge. Nas duas primeiras regatas — em que tomaram parte embarcações da Brigada Naval, Mocidade Portuguesa, Naval de Cascais, Alge e Dafundo, Clube Náutico e Naval Barcelense — obtiveram melhores classificações Alvaro Conceição, tenente Brás Neves, irmãos Beozas, Martinho Baptista e Joaquim de Jesus. — O Gimnasio do Sol promoveu um festival náutico, em frente de Casilhas, no qual estavam integradas várias regatas de «sharplea» de 9 a 12 m. g., embarcações de grande e médio cruzeiro, «stars», «B. N.», borjas, canôes casilheiras e de bastardo, botes de espicha, etc. No festival — que teve, também, algumas provas de remo, com embarcações do tipo «churras» e de natação — colaboraram a Brigada Naval, Mocidade Portuguesa, os Clubes Náuticos de Portugal e de Oficiais e Cadetes de Armada, os Navais de Lisboa, de Cascais e Barcelense, o Alge e Dafundo, a Associação Naval e o Sportivo de Pedrouços. Disputaram-se as taças «Câmara Municipal de Almada», «G. C. Sul», «J. Vasconcelos» e «Pura Lopes».

## NO ESTRANGEIRO

**ATLETISMO** — Sven Eriksson, lançador de dardo, acaba de alcançar, em Estocolmo, o melhor resultado do ano, na Europa, com um lançamento de 73,24 metros.

— O húngaro Ime Kemeth lançou o martelo a 55,30 metros, o que é também o melhor alcance do ano.

— O célebre Gunder Hägg, agora forçado a um período de descanso, por indicação médica, sofreu recentemente a sua sétima derrota, perante Arne Anderson, numa prova de 5.000 metros. Anderson gastou 8 m. 20 s. 8/10 a cobrir a distância e Hägg precisou de 8 m. 22 s. 4/10.

**CICLISMO** — Em Espanha foi tora a partida de cada um dos concorrentes à «Volta à Catalunha» ganhou, Assim, Casas, o vencedor da prova recebeu 8.650 pesetas; Langua, 7.800; Miró, 4.000; Costa, 3.000; Carretero, 2.580; Trueba, 2.180; João Lourenço, 1.550; Berrendo, 2.200. Na parte final da relação dos premiados aparecem Inácio (200 pesetas) e Mourão (250).

**FUTEBOL** — Está desfeita a igualdade que o «River Plate» e o «Boca Júnior» tinham em sustentar, desde há algumas semanas, à frente da classificação do campeonato argentino.

Na sua última «saída», as equipas defrontaram-se e o «River Plate», que jogava no seu campo, foi batido por 0-1, com um golo marcado por Severino Varela. A assistência foi de 90.000 pessoas e a receita atingiu 98.100 pesos, que constitui o máximo de encontros do campeonato argentino.

**TENNIS** — A campeã alemã Ruth Thiemem, que no último ano conquistara o título em singulares e mistos, faleceu, há dias, repentinamente.

— A final da prova de pares-homens, do torneio de S'Agaró foi ganha pela formação Charles Berger, que bateu J. Agulló-Pons por 6/2 e 6/2.

HONESTIDADE ● ZÉLO ● COMPETÊNCIA

3 virtudes de

## A FINANCEIRA

A Agência que melhor convém para  
Compra-Venda e hipoteca  
de propriedades

Rua do Bomjardim, 229-1. — PÓRTO — Telef. 4 707

## Daniel Teixeira

Oficina de calçado desportivo do Estado Especializada em todos os artigos para desportos — Calçado e botins tipo alentejano e «Mocidade Portuguesa»

Telefone 38298

CAIÇADA DUQUE DE LAFÕES, 5  
L I S B O A

Futebol nas Salesias  
o jogo entre **BELENENSES** e  
**C.U.F.** através de alguns  
instantâneos



CONHEÇA A SUA TERRA...



VIAJANDO NUMA  
**FLECHA**  
a bicicleta da actualidade

**A ILUMINANTE**

Avenida Almirante Reis, 6 - Largo de Intendente, 11-17

TELEFONES: 46180/7 E 51148

L1580A

## AS NOSSAS REPORTAGENS E TRICROMIAS

Como anunciámos, publicamos hoje a reportagem referente ao

**SPORT COMÉRCIO E SALGUEIROS**

bem como a trícromia da respectiva equipa de honra

No próximo número:

**SPORT CLUBE DE VILA REAL**

À esquerda: o habitual cupão, que os leitores devem recortar e coleccionar, pois dá-lhes direito à capa que oferecemos para encadernar todas as separatas destas reportagens



**O MELHOR CRONÓGRAFO**  
para médicos, desportistas,  
oficiais do exército, etc.